UNE ✦ SACRA

Bruxaria e Wicca

A Natureza das Coisas

✦ ✦ ✦

Atribuído a Paracelso

Tradução (edição 1.2)

Créditos

Autor	Atribuído a Paracelso
Data	1537 (tradução inglesa de 1894)
Idioma original	Alemão
Versão	Tradução (edição 1.2)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de A. E. Waite (1894)
Fonte	Internet Archive — The Hermetic and Alchemical Writings of Paracelsus, vol. I (1894)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Paracelso — nome adotado por Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493/94–1541), médico suíço-alemão — foi um dos personagens mais famosos e polêmicos do Renascimento.

Andarilho, queimou em público os livros de medicina antiga em Basileia, escreveu em alemão em vez de latim e defendeu que o médico aprendesse com a natureza, a experiência e a alquimia, usada para preparar remédios.

A ele se atribuem a teoria dos três princípios (enxofre, mercúrio e sal), a ideia dos espíritos elementais (ninfas, silfos, pigmeus e salamandras) e uma vasta obra de medicina, filosofia natural e magia, quase toda publicada depois da sua morte.

A Natureza das Coisas (De natura rerum), em nove livros dedicados a um amigo, traz a data de 1537, mas muitos estudiosos a consideram obra de discípulos, escrita em nome do mestre.

Trata da geração, do crescimento, da conservação, da vida, da morte, da ressurreição, da transmutação e da separação das coisas naturais e, no nono livro, das "assinaturas": os si-

nais exteriores pelos quais a natureza revelaria as virtudes escondidas de plantas, minerais e pessoas, com a quiromancia e a fisiognomia.

É neste livro que aparece a famosa receita do homúnculo, o pequeno ser humano gerado num frasco de vidro. A tradução é a de Arthur Edward Waite (1894), no primeiro volume dos Escritos Herméticos e Alquímicos de Paracelso; as notas de rodapé de Waite ficaram de fora.

Fonte: https://archive.org/details/cu31924092287121

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

I. Da geração das coisas naturais

II. Do crescimento das coisas naturais

III. Da preservação das coisas naturais

IV. Da vida das coisas naturais

V. Da morte das coisas naturais

VI. Da ressuscitação das coisas naturais

VII. Da transmutação dos objetos naturais

VIII. Das separações das coisas naturais

IX. Da assinatura das coisas naturais

I. DA GERAÇÃO DAS COISAS NATURAIS

✦

1 A geração de todas as coisas naturais é dupla: uma que se dá pela Natureza sem a Arte, outra que é realizada pela Arte, isto é, pela Alquimia, embora, de modo geral, se possa dizer que todas as coisas são geradas da terra com o auxílio da putrefação. Pois a putrefação é o grau mais alto e o primeiro início da geração. Mas a putrefação se origina de um calor úmido.

1.2 Porque um calor úmido constante produz a putrefação e transmuta todas as coisas naturais de sua primeira forma e essência, bem como de sua força e eficácia, em outra coisa.

1.3 Pois assim como a putrefação nas entranhas transmuta e reduz todos os alimentos a esterco, assim também, fora do ventre, a putrefação no vidro transmuta todas as coisas de uma forma para outra, de uma essência para outra, de uma cor para outra, de um odor para outro, de uma virtude para outra, de uma força para outra, de um conjunto de propriedades para outro e, numa palavra, de uma qualidade para outra.

1.4 Pois é sabido e comprovado pela experiência diária que muitas coisas boas, que são saudáveis e servem de remédio, se tornam, após sua putrefação, más, insalubres e puro veneno. Assim, por outro lado, muitas coisas são más, insalubres, venenosas e nocivas, e depois de sua putrefação se tornam boas, perdem todo o seu efeito maléfico e constituem notáveis remédios.

2 Pois a putrefação produz grandes efeitos, de que temos um bom exemplo no santo evangelho, onde Cristo diz: "Se o grão de trigo não for lançado ao campo e não apodrecer, não pode dar fruto a cem por um." Daí se pode saber que muitas coisas são multiplicadas pela putrefação de modo que produzem excelente fruto.

2.2 Pois a putrefação é a mudança e a morte de todas as coisas, e a destruição da primeira essência de todos os objetos naturais, de onde brota para nós a regeneração e um novo nascimento dez mil vezes melhor do que antes.

3 Visto, então, que a putrefação é o primeiro passo e o começo da geração, é necessário no mais alto grau que compreendamos a fundo esse processo. Mas há muitos tipos de putrefação, e uma produz sua geração melhor que outra, uma mais depressa que outra.

3.2 Dissemos também que o que é úmido e quente constitui o primeiro grau e o começo da putrefação, que procria todas as coisas como a galinha procria seus ovos. Por isso, pela putrefação e na putrefação, tudo se torna fleuma mucilaginosa e matéria viva, seja o que for que venha afinal a ser.

3.3 Vês um exemplo nos ovos, nos quais há uma umidade mucilaginosa que, por um calor contínuo, putrefaz e é vivificada no pintinho vivo, não só pelo calor que vem da galinha, mas por qualquer calor semelhante. Pois por tal grau de calor os ovos podem ser levados à maturidade no vidro, e pelo calor das cinzas, de modo que se tornem aves vivas.

3.4 Qualquer homem, também, pode levar o ovo à maturidade debaixo do próprio braço e procriar o pintinho tão bem quanto a galinha. E aqui há algo mais a notar. Se a ave viva for queimada até virar pó e cinza numa cucúrbita selada com o terceiro grau de fogo, e depois, ainda fechada, for pu-

trefeita com o mais alto grau de putrefação num venter equinus até se tornar uma fleuma mucilaginosa, então essa fleuma pode de novo ser levada à maturidade e assim, renovada e restaurada, tornar-se uma ave viva, contanto que a fleuma seja mais uma vez encerrada em seu jarro ou recipiente.

4 Isso é reviver os mortos pela regeneração e clarificação, o que é de fato um grande e profundo milagre da Natureza. Por esse processo todas as aves podem ser mortas e de novo feitas viver, ser renovadas e restauradas. Este é o maior e mais alto milagre e mistério de Deus, que Deus revelou ao homem mortal.

4.2 Pois deves saber que desse modo podem os homens ser gerados sem pai e mãe naturais; isto é, não pelo modo natural, da mulher, mas pela arte e engenho de um espagírico hábil pode um homem nascer e crescer, como será descrito mais adiante.

5 É também possível à Natureza que homens nasçam de animais, e esse resultado tem causas naturais, mas ainda assim não pode ser produzido sem heresia e impiedade.

5.2 Se um homem tiver relação com um animal, e esse animal, como uma mulher, receber em seu útero o sêmen do homem com apetite e luxúria, e ali o encerrar, então o sêmen necessariamente putrefaz e, pelo calor contínuo do corpo, nasce dele um homem, e não um animal. Pois sempre, seja qual for a semente semeada, tal é o fruto que dela se produz.

5.3 Se não fosse assim, seria contra a luz da Natureza e contrário à filosofia. Qual é a semente, tal é a erva que dela brota. Da semente da cebola brota uma cebola, não uma rosa, uma noz ou uma alface. Assim também, do trigo vem trigo; da cevada, cevada; da aveia, aveia. Assim é também com todos os demais frutos que têm sementes e são semeados.

6 Do mesmo modo, é possível, e não contrário à Natureza, que de uma mulher e de um homem nasça um animal irracional. Nem por isso se deve fazer da mulher o mesmo juízo que do homem, isto é, ela não deve por isso ser tida por herética, como se tivesse agido contra a Natureza; mas o resultado deve ser atribuído à imaginação.

6.2 A imaginação é com muita frequência a causa disso: e a imaginação de uma mulher grávida é tão ativa que, ao conceber o sêmen em seu corpo, ela pode transmutar o feto de diversas maneiras, já que seus astros interiores se dirigem com tanta força ao feto que produzem impressão e influência.

6.3 Por isso a criança no ventre materno está, durante sua formação, tanto na mão e sob a vontade da mãe quanto o barro na mão do oleiro, que dele forma e faz o que quer e o que lhe agrada. Assim a mãe grávida forma o fruto em seu próprio corpo segundo a sua imaginação e conforme são os seus astros.

6.4 Por isso acontece muitas vezes que do sêmen de um homem são gerados gado ou outros monstros horríveis, conforme a imaginação da mãe se dirigiu fortemente ao embrião.

6.5 Mas, como já ouviste que muitas e variadas coisas são geradas e vivificadas a partir da putrefação, assim deves saber que de diferentes ervas, por um processo de putrefação, são produzidos animais, como sabem os que têm experiência dessas matérias.

7 Aqui também deves aprender que os animais produzidos na putrefação e pela putrefação contêm todos algum veneno e são peçonhentos; mas um contém peçonha muito maior e mais potente que outro, e um tem uma forma, outro outra, como vês no caso das serpentes, sapos, rãs, basiliscos,

aranhas, abelhas, formigas e muitos vermes, como as lagartas, nos gafanhotos e em outras criaturas, todos os quais são produzidos a partir da putrefação.

7.2 Pois muitos monstros são produzidos entre os animais. Há também aqueles monstros que não são produzidos pela putrefação, mas são feitos pela arte no vidro, como foi dito, já que muitas vezes aparecem em forma muito admirável e aspecto horrível; muitas vezes, por exemplo, com muitas cabeças, muitos pés ou muitas caudas, e de cores diversas; às vezes vermes com caudas de peixe ou asas de ave, e outras formas insólitas, como nunca antes se vira.

7.3 Não são, pois, chamados monstros apenas os animais que não têm pais, ou que nascem de pais diferentes deles, mas também os que são produzidos de outros modos. Assim vês a respeito do basilisco, que é um monstro acima de todos os outros, e mais temível que qualquer outro, já que um homem pode ser morto pela simples visão e aparência dele, pois possui um veneno mais virulento que todos os outros, ao qual nada mais no mundo se pode comparar.

8 Esse veneno, por algum meio desconhecido, ele o traz nos olhos, e é um veneno que age sobre a imaginação, não de todo diferente da mulher menstruada, que também traz veneno nos olhos, de tal maneira que pelo seu simples olhar o espelho fica manchado e maculado. Assim também, se ela olha para uma ferida ou uma chaga, afeta-a de modo semelhante e impede sua cura.

8.2 Pelo seu hálito, também, bem como pelo seu olhar, ela afeta muitos objetos, tornando-os corrompidos e fracos, e também pelo seu toque. Vês que, se ela manuseia o vinho durante suas regras mensais, ele logo se altera

e fica turvo. O vinagre que ela manuseia se estraga e se torna inútil. O vinho generoso perde sua potência.

8.3 Do mesmo modo, o âmbar, a algália, o almíscar e outras substâncias de cheiro forte, levadas e manuseadas por tal mulher, perdem seu odor. O ouro, os corais e muitas gemas são privados de sua cor, assim como os espelhos são afetados desse modo. Mas — para voltar ao meu propósito de escrever sobre o basilisco — como ele traz seu veneno no olho.

8.4 Deves saber que ele obtém esse poder e esse veneno das mulheres impuras, como foi dito acima. Pois o basilisco é produzido e cresce da principal impureza da mulher, a saber, do sangue menstrual. Assim também do sangue do sêmen; se for posto num recipiente de vidro e deixado a putrefazer em esterco de cavalo, dessa putrefação é produzido um basilisco.

9 Mas quem seria tão ousado e atrevido a ponto de querer produzi-lo, ou mesmo apanhá-lo e matá-lo de imediato, a menos que primeiro se tivesse revestido e protegido com espelhos? Eu não persuadiria ninguém a fazê-lo, e quero aconselhar a todos que sejam cautelosos.

9.2 Mas, para prosseguir com nosso tratado sobre os monstros, sabe que as formações monstruosas entre os animais, que são produzidas por outros métodos que não a propagação a partir de seus semelhantes, raramente vivem muito, especialmente perto ou no meio de outros animais, já que, por sua natureza inata e pela disposição divina, todos os monstros são odiosos aos animais devidamente gerados de sua própria semelhança.

9.3 Assim também as formações humanas monstruosas raramente vivem muito. Quanto mais admiráveis e dignas de atenção são, tanto mais cedo lhes sobrevém a morte; a tal ponto que quase nenhuma delas passa do

terceiro dia na presença de seres humanos, a menos que seja logo levada a um lugar secreto e apartada de todos os homens.

9.4 Deve-se saber, em verdade, que Deus abomina monstros dessa espécie. Eles Lhe desagradam, e nenhum deles pode ser salvo, pois não trazem a semelhança de Deus. Só se pode conjecturar que são moldados pelo Diabo e nascidos para o serviço do Diabo mais que de Deus; já que de nenhum monstro jamais proveio obra boa alguma, mas, ao contrário, o mal e o pecado e toda espécie de astúcia diabólica.

10 Pois assim como o carrasco marca seus filhos quando lhes corta as orelhas, lhes arranca os olhos, lhes marca a ferro as faces, lhes corta os dedos, as mãos ou a cabeça, assim também o Diabo marca seus próprios filhos, por meio da imaginação da mãe, que eles herdam dos maus desejos, luxúrias e pensamentos dela na concepção.

10.2 Todos os homens, portanto, devem ser evitados que tenham mais ou menos do que o número habitual de algum membro, ou que tenham algum membro duplicado. Pois isso é um presságio do Diabo e um sinal certo de maldade e astúcia ocultas. Mas de modo algum devemos esquecer a geração dos homúnculos.

10.3 Pois há alguma verdade nessa coisa, embora por muito tempo tenha sido mantida da maneira mais oculta e em segredo, enquanto havia não pouca dúvida e questão entre alguns dos antigos Filósofos sobre se era possível à Natureza e à Arte que um homem fosse gerado sem o corpo feminino e o útero natural.

10.4 Respondo a isso que de modo algum isso se opõe à Arte Espagírica e à Natureza; antes, é perfeitamente possível. Para realizá-lo, deves proceder assim. Deixa o sêmen de um homem putrefazer por si mesmo numa cucúr-

bita selada, com a mais alta putrefação do venter equinus, por quarenta dias, ou até que comece enfim a viver, mover-se e agitar-se, o que se pode ver facilmente.

10.5 Passado esse tempo, será em certo grau semelhante a um ser humano, mas, ainda assim, transparente e sem corpo.

11 Se agora, depois disso, for todos os dias nutrido e alimentado com cautela e prudência com o arcano do sangue humano, e mantido por quarenta semanas no calor perpétuo e uniforme de um venter equinus, torna-se dali em diante uma verdadeira criança viva, tendo todos os membros de uma criança nascida de mulher, contudo muito menor.

11.2 A isso chamamos homúnculo; e ele deve depois ser educado com o maior cuidado e zelo, até que cresça e comece a mostrar inteligência. Ora, este é um dos maiores segredos que Deus revelou ao homem mortal e falível.

11.3 É um milagre e maravilha de Deus, um arcano acima de todos os arcanos, e merece ser mantido em segredo até os últimos tempos, quando nada haverá oculto, mas todas as coisas serão manifestadas.

11.4 E embora até agora não tenha sido conhecido dos homens, era, no entanto, conhecido dos espíritos dos bosques, das ninfas e dos gigantes há muito tempo, porque eles mesmos nasceram dessa fonte; já que de tais homúnculos, quando chegam à idade adulta, são produzidos gigantes, pigmeus e outros povos maravilhosos, que são instrumentos de grandes coisas, que obtêm grandes vitórias sobre seus inimigos e conhecem todas as matérias secretas e ocultas.

12 Como pela Arte adquirem sua vida, pela Arte adquirem seu corpo, carne, ossos e sangue, e nascem pela Arte, por isso a Arte está incorporada neles e nasce com eles, e não há necessidade de que aprendam, mas os outros são obrigados a aprender com eles, já que nasceram da Arte e vivem por ela, como uma rosa ou uma flor num jardim, e são chamados filhos dos espíritos dos bosques e das ninfas, porque em sua virtude não são como homens, mas como espíritos.

13 Aqui também seria necessário falar da geração dos metais, mas, como já escrevemos o bastante sobre eles em nosso livro A Geração dos Metais, trataremos aqui do assunto muito brevemente, e apenas em pouco espaço indicaremos o que ali omitimos.

13.2 Sabe, pois, que todos os sete metais nascem de uma matéria tríplice, a saber, Mercúrio, Enxofre e Sal, mas com colorações distintas e peculiares. Desse modo, Hermes disse com verdade que todos os sete metais eram feitos e compostos de três substâncias, e do mesmo modo também as tinturas e a Pedra Filosofal. A essas três substâncias ele chama Espírito, Alma e Corpo.

13.3 Mas não indicou como isso deveria ser entendido, nem o que queria dizer com isso, embora talvez também conhecesse os três princípios, mas não faz menção deles. Não digo, portanto, que ele estivesse em erro, mas que se calou.

13.4 Ora, para que essas três substâncias distintas sejam corretamente entendidas, a saber, espírito, alma e corpo, deve-se saber que nada mais significam senão os três princípios, Mercúrio, Enxofre e Sal, dos quais são gerados todos os sete metais. Pois o Mercúrio é o espírito, o Enxofre é a alma e o Sal é o corpo.

13.5 O metal entre o espírito e o corpo, de que fala Hermes, é a alma, que é de fato o Enxofre. Ele une esses dois contrários, o corpo e o espírito, e os transforma numa só essência.

14 Mas não se deve entender que de qualquer Mercúrio, de qualquer Enxofre e de qualquer Sal possam ser gerados esses sete metais, ou, do mesmo modo, a Tintura ou a Pedra Filosofal, pela Arte e engenho do alquimista no fogo; mas todos esses sete metais devem ser gerados nas montanhas pelo Arqueu da terra.

14.2 O alquimista transmutará os metais com mais facilidade do que os gerará ou fará. Porém, o Mercúrio vivo é a mãe de todos os sete metais e merece ser chamado a Mãe dos Metais. Pois é um metal aberto e, por assim dizer, contém em si todas as cores, que ele entrega de si no fogo; e assim também, de modo oculto, contém em si todos os metais, que sem fogo não entrega de si.

14.3 Mas a regeneração e renovação dos metais se dá assim: como o homem pode voltar ao ventre de sua mãe, isto é, à terra de onde brotou o primeiro homem, e assim pode nascer de novo no último dia, assim também todos os metais podem voltar ao mercúrio vivo, podem tornar-se Mercúrio e ser regenerados e clarificados pelo fogo, se permanecerem por quarenta semanas em calor perpétuo, como uma criança no ventre de sua mãe.

14.4 Ora, eles nascem, porém, não como metais comuns, mas como metais que tingem: pois se, como foi dito, Luna for regenerada, tingirá depois todos os metais em Luna. Assim o ouro tinge os outros metais em Sol, e do mesmo modo se deve entender de todos os demais metais.

15 Ora, quando Hermes disse que a alma era o único meio que une o espírito ao corpo, não teve uma concepção inadequada da verdade. E, como o Enxofre é essa alma e, como o fogo, apressa e prepara todas as coisas, pode também ligar o espírito e o corpo, incorporá-los e uni-los, de modo que se produza um corpo nobilíssimo.

15.2 Porém, não é o enxofre comum combustível que se deve ter por alma dos metais; mas essa alma é outro corpo combustível e corruptível. Não pode, portanto, ser queimada por fogo algum, já que ela mesma é inteiramente fogo e, na verdade, não é senão a Quintessência do Enxofre, que é extraída pelo espírito do vinho do Enxofre Reverberado, e é cor de rubi e clara como o próprio rubi.

15.3 Este é de fato um arcano poderoso e excelente para transmutar os metais brancos e para coagular o mercúrio vivo em ouro fixo e aprovado. Guarda isto com apreço como um tesouro para te enriquecer; e deverias contentar-te só com este segredo na transmutação dos metais.

15.4 Quanto à geração dos minerais e semimetais, não é preciso saber mais do que afirmamos no início a respeito dos metais, a saber, que são produzidos, do mesmo modo, desses três princípios, Mercúrio, Enxofre e Sal, embora não, como os metais, desses princípios em sua perfeição, mas do Mercúrio, Enxofre e Sal mais imperfeitos e mais fracos, ainda assim com suas cores distintas.

16 A geração das gemas se dá pela sutileza da terra e dela flui, a partir do Mercúrio, Enxofre e Sal claros e cristalinos, também segundo suas próprias cores distintas. A geração das pedras comuns é a partir da sutileza da água, pelo Mercúrio, Enxofre e Sal mucilaginosos.

16.2 Pois todas as pedras são produzidas pela mucilagem da água, assim como os seixos e a areia são coagulados em pedras a partir da mesma fonte. Isso é patente aos olhos: pois toda pedra posta na água logo atrai para si a mucilagem.

16.3 Se agora essa matéria mucilaginosa for tirada de tais pedras e coagulada numa cucúrbita, será produzida uma pedra da mesma espécie que por si mesma se produziria e coagularia na água, mas depois de um longo período de tempo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

II. DO CRESCIMENTO DAS COISAS NATURAIS

✦

1 É bastante claro, e bem sabido de todos, que todas as coisas naturais crescem e amadurecem pelo calor e pela umidade, como se demonstra claramente pela chuva seguida de sol. Ninguém pode negar que a terra se torna fecunda pela chuva, e todos hão de confessar que toda espécie de fruto é amadurecida pelo sol.

1.2 Visto, então, que pela instituição divina isso é possível à Natureza, quem negará ou se recusará a crer que o homem possui esse mesmo poder por uma prática prudente e hábil da Arte Alquímica, de modo que torne fecundo o infecundo, maduro o imaturo, e faça tudo aumentar e crescer?

1.3 A Escritura diz que Deus sujeitou ao homem todas as coisas criadas e as entregou a ele como se fossem sua própria propriedade, para que as usasse conforme sua necessidade, para que tivesse domínio sobre os peixes do mar, as aves do céu e tudo o que há na terra, sem exceção.

1.4 Por isso o homem deve alegrar-se, porque Deus o iluminou e o dotou, de modo que todas as criaturas de Deus são obrigadas a obedecer-Lhe e a ser-Lhe sujeitas, especialmente toda a terra, com todas as coisas que nascem, vivem e se movem nela e sobre ela.

2 Visto, então, que vemos com nossos olhos, e somos ensinados pela experiência diária, que quanto mais vezes e mais abundantemente a chuva umedece a terra, e o sol a seca de novo com seu calor e ardor, tanto mais cedo os frutos da terra brotam e amadurecem, enquanto todos os frutos aumentam

e crescem, seja qual for a estação do ano, ninguém se admire de que o alquimista também, por múltiplas imbibições e destilações, possa produzir o mesmo efeito.

2.2 Pois que é a chuva senão a imbibição da terra? Que são o calor e o ardor do sol senão o processo de destilação do sol, que de novo extrai a umidade? Por isso digo que é possível, por tal cooptação, em pleno inverno, produzir ervas verdes, flores e frutos, por meio da terra e da água, a partir da semente e da raiz.

2.3 Ora, se isso acontece com ervas e flores, acontecerá também em muitas outras coisas semelhantes, como, por exemplo, em todos os minerais, cujos metais imperfeitos podem ser amadurecidos com água mineral pelo engenho e arte do alquimista hábil.

2.4 Assim também todas as marcassitas, granitos, zincos, arsênicos, talcos, cachímias, bismutos, antimônios etc., todos os quais trazem consigo Sol e Luna imaturos, podem ser amadurecidos a ponto de se igualarem aos mais ricos veios de ouro e prata, só por tal cooptação. Assim também o Elixir e as Tinturas dos metais são amadurecidos e aperfeiçoados.

3 Visto, portanto, que a umidade e o calor amadurecem todas as coisas e as fazem crescer, ninguém se admire de que, depois de muito tempo, no caso de um criminoso na forca, a barba, os cabelos e as unhas cresçam; nem se tome isso por sinal de inocência, como o interpretam os ignorantes. É apenas natural e procede de causas naturais.

3.2 Enquanto há umidade no corpo, as unhas, a barba e os cabelos crescem; e, mais ainda, no caso de um homem enterrado na própria terra, unhas, barba e cabelos crescem até o segundo ano, ou até o tempo da decomposição do homem.

4 Deve-se saber também que muitas substâncias crescem e aumentam perpetuamente em tamanho, peso e virtude, tanto na água quanto em terra, em cada uma das quais permanecem boas e eficazes, como, por exemplo, os metais, marcassitas, cachímias, talcos, granitos, antimônio, bismutos, gemas, pérolas, corais, todas as pedras e argilas. Assim também se pode fazer que Sol cresça e aumente em peso e em corpo, contanto que seja enterrado em terra voltada para o oriente e constantemente adubado com urina humana fresca e esterco de pombos.

5 É também possível que o ouro seja de tal modo trabalhado pelo engenho e arte do alquimista hábil que cresça numa cucúrbita com muitos ramos e folhas maravilhosos, experimento muito agradável de contemplar e cheio de maravilhas.

5.2 O processo é o seguinte: calcina-se o ouro por meio da aqua regis até se tornar uma cal gredosa; põe-na numa cucúrbita, despejando aqua regis boa e fresca e água de gradação de modo que a cubra em quatro dedos. Extrai-a de novo com o terceiro grau de fogo até que nada mais suba. Despeja outra vez sobre ela água destilada e mais uma vez extrai por destilação como antes.

5.3 Faze isso até veres o Sol subir no vidro e crescer em forma de árvore com muitos ramos e folhas. Assim se produz do Sol um arbusto maravilhoso e belo, que os alquimistas chamam Erva Dourada, ou Árvore dos Filósofos. O processo é o mesmo com os outros metais, salvo que a calcinação pode ser diferente e talvez seja preciso usar alguma outra aqua fortis.

5.4 Isso deixo à tua experiência. Se fores versado na Alquimia, farás o que é certo nesses pormenores.

6 Sabe também que qualquer pederneira pode ser tirada da água do rio, posta numa cucúrbita e borrifada com sua própria água corrente até a cucúrbita ficar cheia. Esta pode de novo ser extraída por destilação, enquanto subir uma única gota, até a pedra ficar seca. Enche-se de novo a cucúrbita com essa água e mais uma vez se extrai.

6.2 Repete isso até a cucúrbita ficar cheia dessa pedra. Desse modo, por meio da Alquimia, em poucos dias verás que se pode fazer uma pedra muito grande, como o Arqueu das águas mal conseguiria fazer em muitos anos. Se depois quebrares a cucúrbita sobre uma pedra, terás uma pederneira na forma da cucúrbita, como se tivesse sido vazada no vidro. Embora isso talvez não te traga proveito algum, é ainda assim uma coisa muito admirável.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

III. DA PRESERVAÇÃO DAS COISAS NATURAIS

✦

1 Para que uma coisa possa ser preservada e defendida do dano, é necessário antes de tudo que se conheça o seu inimigo, para que possa ser protegida dele e não seja ferida ou corrompida por ele em sua substância, virtude ou força, nem sofra perda de nenhum outro modo.

1.2 Muito depende disto, pois: que se reconheça o inimigo de todas as coisas naturais; pois quem pode guardar-se da perda e da sorte adversa se ignora o seu inimigo? Certamente ninguém. É, portanto, necessário que tal inimigo seja conhecido. Há muitos inimigos; e é tão necessário conhecer o mal quanto o bem. Quem, de fato, pode conhecer o bem sem o conhecimento do mal? Ninguém.

1.3 Ninguém que nunca esteve doente sabe quão grande tesouro é a saúde. Quem sabe o que é a alegria, se nunca esteve triste ou aflito? E quem sabe retamente o que é Deus, se nada sabe do diabo?

1.4 Por isso, assim como Deus nos deu a conhecer o inimigo de nossa alma, isto é, o diabo, Ele também nos aponta o inimigo de nossa vida, isto é, a morte, que é o inimigo de nosso corpo, de nossa saúde, o inimigo da medicina e de todas as coisas naturais. Ele nos deu a conhecer esse inimigo e também como e por que meios devemos escapar dele.

2 Pois, assim como não há doença contra a qual não tenha sido criado e descoberto um remédio que a cure e expulse, assim há sempre uma coisa posta em oposição a outra — uma água em oposição a outra, uma pedra em opo-

sição a outra, um mineral em oposição a outro, um veneno em oposição a outro, um metal em oposição a outro — e o mesmo em muitas outras matérias, que não é necessário enumerar todas aqui.

3 Mas deve-se saber como e por que meios cada coisa é preservada e guardada da perda: que muitas coisas, por exemplo, devem ser guardadas por longo tempo na terra. Todas as raízes, especialmente, permanecem por muito tempo na terra fecundas e incorruptas. Do mesmo modo, ervas, flores e todos os frutos se conservam sem apodrecer e verdes na água. Assim também muitos outros frutos, e especialmente as maçãs, podem ser preservados na água e protegidos de toda decomposição, até que se produzam maçãs novas.

4 Assim também a carne e o sangue, que muito depressa apodrecem e ficam rançosos, podem ser guardados em água fria de fonte; e não só isso, mas pela cooptação de água de fonte renovada e fresca podem ser transmutados numa quintessência e conservados para sempre da decomposição e do mau odor sem bálsamo algum.

4.2 E esse processo não só preserva a carne e o sangue, mas (por assim dizer) preserva todas as outras espécies de carne e sangue, e especialmente o corpo do homem, de toda decomposição e de muitas doenças que nascem da decomposição, melhor que a múmia comum.

4.3 Mas, para que o sangue seja preservado por si mesmo da decomposição e do mau odor, e não como quintessência, e para proteger também outro sangue, como se disse, deves usar este processo: separa o sangue de sua fleuma, que se move por si mesma e é impelida à superfície.

4.4 Retira essa água inclinando o vaso com destreza e acrescenta ao sangue uma quantidade suficiente da água de sal, cujo preparo te ensinamos em nossa Chirurgia Magna.

4.5 Essa água logo se mistura com o sangue e conserva o sangue de tal modo que ele nunca apodrece nem fica rançoso, mas permanece fresco e extremamente vermelho depois de muitos anos, tão bem quanto no primeiro dia; o que é, de fato, uma grande maravilha.

4.6 Mas, se não souberes preparar essa água, ou não a tiveres à mão, despeja uma quantidade suficiente do melhor e mais excelente bálsamo, que produz o mesmo efeito. Ora, esse sangue é o Bálsamo dos Bálsamos e se chama o Arcano do Sangue.

5 É de virtude tão grande e maravilhosa que seria inacreditável se a mencionássemos. Por isso a manterás oculta, como um grande segredo da medicina.

6 Na conservação dos metais, a primeira coisa a aprender é quais são os seus inimigos, para que assim possam ser mais bem guardados da perda. Os principais inimigos dos metais, pois, são todas as águas fortes; todas as aquae regiae, todos os corrosivos e sais mostram sua hostilidade nisto: que mortificam todos os metais, os calcinam, os corrompem e os reduzem a nada.

6.2 O enxofre cru mostra sua hostilidade pela sua fumaça; pois pela sua fumaça tira de Vênus a cor e a vermelhidão e a torna branca. Dos metais brancos, como Luna, Júpiter, Saturno e Marte, tira a brancura e os avermelha, ou lhes induz uma cor avermelhada. Do ouro tira o agradável amarelo e o tom dourado, torna-o negro e o deixa o mais feio possível.

7 O antimônio mostra sua hostilidade nisto: que estraga todos os metais com que é liquefeito no fogo e com que é misturado; despoja-os e rouba-os; além disso, como o enxofre, rouba aos metais sua cor genuína e põe outra no lugar.

8 O azougue, por outro lado, exerce uma força hostil sobre os metais a que se une, pois os invade e dissolve, de modo que faz deles um amálgama. Além disso, sua fumaça, que chamamos fuligem de Mercúrio, torna todos os metais não maleáveis e frágeis; calcina-os e embranquece todos os metais vermelhos e dourados.

8.2 É o principal inimigo do ferro e do aço, pois, se o mercúrio comum tocar uma vara de aço, ou se a vara for untada com óleo mercurial, ela pode depois ser quebrada como vidro e cortada. Isso é de fato um grande segredo e deve ser mantido estritamente oculto.

8.3 Do mesmo modo também o ímã deve ser guardado e mantido longe do Mercúrio, pois este exerce hostilidade sobre ele como sobre Marte. Pois todo ímã que o mercúrio comum toca, ou que é untado com óleo mercurial, ou apenas posto no Mercúrio, nunca mais atrai o ferro.

8.4 Ninguém se surpreenda com isso; há uma causa natural, visto que o Mercúrio extrai o espírito do ferro que o ímã guarda latente em si. Por isso também o espírito do ferro no ímã atrai a si o corpo de Marte; e isso acontece não só no ímã, mas em todas as outras coisas naturais, de modo que o espírito estranho que está num corpo alheio, que não é de sua própria natureza, sempre atrai um corpo conforme à sua própria natureza.

8.5 Isso se deve saber não só do ímã, mas de todos os corpos naturais, como minerais, pedras, ervas, raízes, homens e animais.

9 Depois disso, deve-se saber que os metais exercem hostilidade entre si e se odeiam mutuamente por sua natureza inata; como vês no caso de Saturno, que é o principal inimigo de Sol, por sua natureza congênita. Ele desfaz todos os membros do ouro, torna-o disforme, fraco, e o destrói e corrompe até a morte, mais do que a qualquer outro metal. Odeia também o estanho e é inimigo de todos os metais, pois os torna degenerados, não maleáveis, duros e impróprios, se for misturado com qualquer deles no fogo ou no fluxo.

10 Visto, portanto, que já ouviste sobre os inimigos dos metais, aprende, além disso, sobre sua preservação e conservação, que guardam os metais de toda perda e corrupção e, ademais, os fortalecem em sua natureza e virtude, enquanto os elevam a grau mais alto de cor.

10.2 Primeiro, pois, deve-se saber acerca do ouro que ele não pode ser melhor e mais belamente preservado do que na urina de meninos em que se dissolveu sal amoníaco, ou só na água de sal amoníaco. Nelas, com o tempo, adquire um grau de cor tão alto que não pode ser superado.

10.3 A prata não pode ser melhor preservada e conservada do que se for fervida em água comum ou acetum em que se dissolveram tártaro e sal. Desse modo qualquer prata velha, ainda que enegrecida e manchada, se renova, se for assim fervida. Para o ferro e o aço, o melhor e mais útil conservante e preservativo é a banha fresca, não salgada, de uma porca castrada.

10.4 Ela protege da ferrugem todo ferro e aço, se forem untados com ela uma vez por mês. Do mesmo modo, se o ferro for liquefeito com arsênico fixo e de vez em quando reduzido a fluxo, pode ser de tal modo renovado e fixado que, como a prata, nunca enferruja.

10.5 O cobre pode ser conservado e preservado se apenas for misturado com Mercúrio sublimado, ou untado com óleo de sal, de modo que no futuro não solte vitríolo nem azinhavre, nem se torne de cor verde.

11 O chumbo não pode ser mais bem conservado do que em água fria e em lugar úmido, tal é a sua natureza. Mas, para a conservação do ímã, nada é melhor do que limalha de ferro ou de aço. Se o ímã for posto nela, não só sua força não diminui, mas cresce mais e mais a cada dia.

12 Quanto à conservação dos sais, e de todas as substâncias que são de natureza salina e se compreendem sob o nome de sal, das quais há mais de cem, convém saber que devem ser guardados em lugar quente e seco, e bem protegidos do ar em arcas de madeira. Não devem ser postos sobre vidro, pedra ou metal. Por estes são dissolvidos e se convertem em água e amálgama; mas isso não ocorre na madeira.

13 Além disso, deves aprender o método de conservar certas águas e líquidos obtidos de ervas, raízes e outros frutos e plantas prensados, que facilmente absorvem todo bolor e mofo, como se uma pele os envolvesse. Ponham-se essas águas, ou outros líquidos, num vaso de vidro, estreito em cima e mais largo embaixo.

13.2 Encha-se o vaso até o topo e depois acrescentem-se algumas gotas de azeite de oliva, de modo que toda a água ou líquido fique coberto. O azeite flutuará no topo e desse modo protegerá o líquido ou a água por longo tempo do bolor e do mofo. Nenhuma água ou líquido, se estiver coberto de azeite, pode jamais mofar ou cheirar mal.

13.3 Desse modo também duas águas, dois líquidos, dois vinhos podem ser guardados separadamente num só vaso, de modo que não se misturem; e não só dois, mas três, quatro, cinco ou ainda mais, contanto que haja

azeite entre eles, pois são separados pelo azeite como por um muro, que não permite que se juntem e se unam.

13.4 Pois o azeite e a água são dois contrários, e nenhum pode misturar-se com o outro. Assim como o azeite não deixa as águas se misturarem, assim, por outro lado, a água impede que os óleos se mesclem.

14 Para a conservação e preservação dos panos e das roupas contra a traça, para que não os comam nem se instalem neles, nada é melhor do que almécega, cânfora, âmbar-gris ou almíscar: mas o melhor é a algália, que não só preserva da traça, mas afugenta e põe em fuga as traças, com outros vermes, pulgas, piolhos e percevejos.

15 Todas as madeiras podem ser conservadas, como em edifícios ou pontes, de modo que nunca apodreçam, estejam na água, debaixo d'água ou fora d'água, no chão, debaixo do chão ou fora do chão, expostas à chuva ou ao vento, ao ar, à neve ou ao gelo, no verão ou no inverno, e, além disso, impedindo que apodreçam ou que nelas se criem vermes depois de cortadas.

15.2 O método de conservação neste caso é aquele grande arcano contra todas as putrefações, e segredo tão notável que nenhum outro se lhe pode comparar. Não é outro senão o óleo de enxofre, cujo processo de preparo é o seguinte: — pulveriza-se enxofre amarelo comum e põe-se numa cucúrbita. Sobre ele despeja-se tanta aquafortis quanto o cubra em quatro dedos.

15.3 Abstrai-se isso por destilação três ou quatro vezes, da última vez até ficar inteiramente seco. O enxofre que fica no fundo, e é de cor vermelho-escura, ponha-se em mármore ou vidro e facilmente se dissolverá num óleo. Este é um grande segredo na conservação da madeira, para que nunca apodreça e seja protegida dos vermes.

15.4 Pois, se o enxofre for preparado como se disse e convertido em óleo, tinge depois a madeira que com ele foi untada de tal modo que nunca pode ser apagado.

16 Muitas outras coisas também podem ser conservadas e preservadas da decomposição neste óleo de enxofre, especialmente cordas e cabos nos navios e nos mastros dos navios, nos carros, redes de pesca, laços de passarinheiros e caçadores, e outras coisas semelhantes que são frequentemente usadas na água e na chuva e de outro modo estariam sujeitas a apodrecer e romper-se; assim também com panos de linho e outras coisas semelhantes.

17 Deve-se notar também a conservação das coisas potáveis, sob as quais compreendemos o vinho, a cerveja, o hidromel, o vinagre e o leite. Se quisermos guardar estas cinco intactas e em sua virtude, é necessário conhecer seu principal inimigo. Este não é outro senão as mulheres impuras no tempo de suas regras mensais.

17.2 Elas corrompem essas coisas se as manuseiam ou têm algo a ver com elas, se olham para elas ou sopram sobre elas. O vinho se altera e fica turvo, a cerveja e o hidromel azedam, o vinagre se enfraquece e perde sua acidez, o leite também azeda e talha.

18 Isto, portanto, deve ser bem sabido antes que se diga algo especialmente sobre a conservação de uma dessas coisas em particular. Além disso, o principal preservativo do vinho é o enxofre e o óleo de enxofre, por meio dos quais todo vinho pode ser preservado por muitíssimo tempo, de modo que nem turva nem se altera de modo algum.

19 O meio de conservar a cerveja é o óleo de garyophyllon, se se puserem nela algumas gotas, de modo que uma medida tenha duas ou três gotas. Melhor ainda é o óleo de benedicta garyophyllata, que preserva a cerveja da acidez. O preservativo do hidromel é o óleo de açúcar, que deve ser usado do mesmo modo que o óleo de garyophyllon ou da benedicta.

20 O preservativo do vinagre é o óleo de gengibre, e o do leite o óleo de amêndoas espremido. Estes dois devem ser usados como foi descrito acima.

21 O preservativo do queijo é a erva hipericão ou perfurada, que protege todos os queijos dos vermes. Se for posta junto ao queijo e o tocar, nenhum verme se produz nele, e, se alguns já se tiverem produzido, morrem e caem do queijo.

22 O mel não tem preservativo especial; apenas deve ser protegido de seu inimigo. Seu principal inimigo é o pão. Se uma quantidade, por menor que seja, de pão feito de farinha for posta ou cair nele, todo o mel se converte em formigas e perece por completo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IV. DA VIDA DAS COISAS NATURAIS

✦

1 Ninguém pode negar que o ar dá vida a todas as coisas corpóreas e substanciais que nascem e são geradas da terra. Mas, quanto a qual e de que espécie é a vida de cada coisa particular, deve-se saber que a vida das coisas não é senão uma essência espiritual, uma coisa invisível e impalpável, um espírito e uma coisa espiritual.

1.2 Por isso não há nada corpóreo que não tenha latente em si um espírito e vida, que, como há pouco se disse, não é senão uma coisa espiritual. Mas não vive somente aquilo que se move e age, como os homens, os animais, os vermes na terra, as aves sob o céu, os peixes no mar, mas também todas as coisas corpóreas e substanciais.

1.3 Pois aqui devemos saber que Deus, no princípio da criação de todas as coisas, não criou corpo algum sem o seu próprio espírito, espírito que ele contém de modo oculto dentro de si. Pois que é o corpo sem o espírito? Absolutamente nada. Assim é que o espírito guarda oculta em si a virtude e o poder da coisa, e não o corpo.

1.4 Pois no corpo está a morte, e o corpo está sujeito à morte, e no corpo nada se deve buscar senão a morte. Pois o corpo pode ser destruído e corrompido de vários modos, mas não o espírito: pois este permanece sempre um espírito vivo e está ligado à vida.

2 Ele também mantém vivo o seu próprio corpo, mas, quando o corpo lhe é tirado, deixa o corpo separado e morto e volta ao seu próprio lugar de onde viera, isto é, ao caos e ao ar do firmamento superior e inferior. Daí é evi-

dente que há diferentes espécies de espíritos, assim como há diferentes espécies de corpos.

2.2 Há espíritos celestes e infernais, humanos e metálicos, os espíritos dos sais, das gemas e das marcassitas, espíritos arsenicais, espíritos das bebidas, das raízes, dos líquidos, da carne, do sangue, dos ossos etc. Por isso podes saber que o espírito é em toda a verdade a vida e o bálsamo de todas as coisas corpóreas.

2.3 Agora passaremos às suas espécies e aqui te descreveremos em pormenor, mas o mais brevemente possível, a vida de cada coisa natural.

3 A vida, pois, de todos os homens não é senão um certo bálsamo astral, uma impressão balsâmica, um fogo celeste e invisível, um ar encerrado e um espírito de sal que tinge. Não consigo nomeá-la com mais clareza, embora pudesse ser apresentada sob muitos títulos distintivos. Visto, porém, que aqui se apontam os principais e melhores, calaremos quanto aos demais e aos nomes inferiores.

4 A vida dos metais é uma gordura latente que receberam do enxofre. Isso se mostra pela sua fusão, porque tudo o que entra em fluxo no fogo o faz por causa de sua gordura oculta. Se não fosse assim, nenhum metal poderia ser reduzido a estado fluido, como vemos no caso do ferro e do aço, que têm o mínimo de Enxofre e de gordura de todos os metais, razão pela qual são de natureza mais seca que todos os demais.

5 A vida do mercúrio não é senão calor interior e frio exterior. Isto é, por dentro dá calor, mas por fora causa frio; e nesse aspecto é com propriedade comparável a uma veste de peles, que, como o mercúrio, causa tanto calor quanto frio.

5.2 Pois, se uma veste dessa espécie for usada por um homem, ela o aquece e o protege do frio; mas, se ele usar a parte sem pelo contra o corpo nu, ela causa frio e o defende do calor excessivo.

5.3 Assim aconteceu que em tempos muito antigos, e ainda hoje é costume, essas vestes de pele são usadas tanto no verão quanto no inverno, tanto contra o calor quanto contra o frio; no verão a parte sem pelo é voltada para dentro e a parte peluda para fora, mas na fria estação do inverno a parte peluda é voltada para dentro e a parte sem pelo para fora. Como é com a veste de peles, assim é com o mercúrio.

6 A vida do enxofre é uma gordura combustível e malcheirosa. Enquanto ele arde em chama e exala seu mau odor, pode-se dizer que vive.

7 A vida de todos os sais não é senão um espírito de aqua fortis: pois, quando a água lhes é abstraída, o que fica no fundo se chama terra morta.

8 A vida das gemas e dos corais é a pura cor, que lhes pode ser tirada pelos espíritos do vinho. A vida das pérolas é o seu brilho, que perdem na calcinação. A vida do ímã é o espírito do ferro, que pode ser extraído e tirado pelo próprio vinum ardens retificado, ou pelo espírito do vinho.

9 A vida das pederneiras é uma matéria mucilaginosa. A vida das marcassitas, cachímias, talco, cobalto, zinco, granitos, zwitter, vismat (estanho bruto) é um espírito metálico de antimônio, que tem o poder de tingir. Dos arsenicais, auripigmento, ouropigmento, realgar e matérias semelhantes, a vida é um veneno mineral coagulado.

10 A vida das substâncias ondulantes, isto é, do esterco dos homens e dos animais, é o seu cheiro forte e fétido. Quando o perdem, estão mortas.

11 A vida das substâncias aromáticas, a saber, o almíscar, o âmbar-gris, a algália e tudo o que exala um odor forte, doce e agradável, não é senão esse mesmo odor grato. Se o perdem, estão mortas e inúteis.

12 A vida das coisas doces, como o açúcar, o mel, o maná, a fístula de cássia e semelhantes, é uma doçura sutil, com o poder de tingir; pois, se essa doçura for tirada por destilação ou sublimação, as coisas ficam mortas, insípidas e já sem valor algum.

13 A vida das resinas, como a caraba, a terebintina e a goma, é uma gordura mucilaginosa e reluzente. Todas dão excelente verniz; quando já não o fornecem e perdem o brilho, estão mortas.

14 A vida das ervas, raízes, maçãs e outros frutos dessa espécie não é senão o líquido da terra, que perdem espontaneamente se forem privados de água e de terra.

15 A vida da madeira é uma certa resina. Qualquer madeira privada de resina já não pode florescer.

16 A vida dos ossos é o líquido da múmia. A vida da carne e do sangue não é senão o espírito de sal, que os preserva do mau odor e da decomposição, e espontaneamente, à medida que a água se separa deles.

17 Mas, quanto à vida dos elementos, há isto a saber. A vida da água é o seu fluir. Quando é coagulada pelo frio do firmamento e congelada em gelo, então está morta, e todo poder de causar dano lhe é tirado, já que ninguém mais pode afogar-se nela.

18 Assim também a vida do fogo é o ar, pois o ar faz o fogo arder com mais força e com maior ímpeto. De todo fogo procede algum ar, suficiente para apagar uma vela ou levantar uma pena leve, como é evidente aos olhos. Todo fogo vivo, portanto, se for encerrado ou privado do poder de expelir o seu ar, há de ser sufocado.

19 O ar vive por si mesmo e dá vida a todas as outras coisas. A terra, porém, é por si mesma morta; mas o seu próprio elemento é a sua vida invisível e oculta.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

V. DA MORTE DAS COISAS NATURAIS

✦

1 A morte de todas as coisas naturais não é outra coisa senão uma alteração e remoção de seus poderes e virtudes, uma destruição de suas potências para o mal ou para o bem, um sufocamento e apagamento de sua natureza anterior, e a geração de uma natureza nova e diferente.

1.2 Pois é preciso saber que muitas coisas que em vida eram boas e tinham suas próprias virtudes conservam pouco ou nada dessa virtude depois de mortas, mas parecem de todo inúteis e sem poder. Assim, por outro lado, muitas coisas em sua vida são más, mas na morte, ou depois de terem sido mortificadas, mostram um poder e uma eficácia múltiplos, e fazem muito bem.

1.3 Poderíamos relatar muitos exemplos disso, mas isso é de todo alheio ao nosso propósito. Contudo, para que vejais que não escrevo segundo minha mera opinião, por mais plausível que seja, mas segundo minha experiência, convém que eu apresente um exemplo com o qual aquietarei e calarei os sofistas que dizem que nada se pode ganhar das coisas mortas, nem coisa alguma se deve buscar ou encontrar nelas.

1.4 A causa dessa afirmação é que eles não dão valor algum às preparações dos alquimistas, pelas quais muitos grandes segredos desse tipo são descobertos. Pois olhai o Mercúrio, o enxofre vivo e cru e o antimônio cru; tal como são trazidos das minas, isto é, enquanto ainda estão vivos, quão

pequena é a sua virtude, quão fraca e lentamente exercem a sua influência. Na verdade, trazem mais mal do que bem, e são antes um veneno do que um remédio.

2 Mas se, pela diligência de um alquimista hábil, forem corrompidos em sua primeira substância e preparados com prudência (isto é, se o Mercúrio for coagulado, precipitado, sublimado, resolvido e transformado em óleo; o enxofre for sublimado, calcinado, reverberado e transformado em óleo; e, do mesmo modo, Vênus for sublimada, calcinada, reverberada e transformada em óleo), vereis que utilidade, que poder e virtude, e que eficácia rápida eles oferecem e mostram, de modo que ninguém pode plenamente falar ou escrever a respeito.

2.2 Pois suas múltiplas virtudes não podem ser investigadas, nem ninguém pode esquadrinhá-las. Todo alquimista, portanto, e todo médico fiel, deve investigar estas três coisas durante toda a sua vida, e até a sua morte deve brincar com elas e encontrar nelas o seu passatempo. Com toda a certeza elas o recompensarão nobremente por todo o seu trabalho, estudo e despesa.

3 Mas passemos aos particulares, e descrevamos especificamente a morte e a mortificação de cada coisa natural, o que é a sua morte e de que modo é mortificada. Antes de tudo, então, quanto à morte do homem, deve-se entender que, sem dúvida, ela não é outra coisa senão o fim da sua jornada de trabalho, a retirada do seu ar, o desvanecimento do seu bálsamo, a extinção da sua luz natural, e a separação completa das três substâncias, corpo, alma e espírito, e o retorno ao ventre de sua mãe.

3.2 Pois, visto que o homem natural nascido da terra vem da terra, a terra também será sua mãe, à qual ele deve retornar, e nela perder a sua carne natural nascida da terra, para que no último dia seja regenerado numa carne nova, celeste e purificada, como Cristo disse a Nicodemos quando este veio a Ele de noite. Pois, como dissemos, essas palavras se aplicam à regeneração.

4 Mas a morte ou mortificação dos metais é a remoção da sua estrutura corporal e da gordura sulfurosa, que pode ser retirada deles de muitos modos, como por calcinação, reverberação, resolução, cementação e sublimação. Mas a calcinação dos metais não é de uma só espécie.

4.2 Pois uma se produz pelo sal, outra pelo mercúrio, outra pelas águas fortes, outra pela fuligo mercurii e pelo mercúrio vivo. A calcinação pelo sal se dá quando o metal é reduzido a lâminas muito finas, estratificado e cementado com sal. A calcinação pelo enxofre se dá quando o metal é reduzido a lâminas, estratificado e reverberado com enxofre.

4.3 A calcinação pelas águas fortes se dá quando o metal é granulado, resolvido em aqua fortis e nela precipitado. A calcinação pela fuligo mercurii se faz assim: reduza-se o metal a lâminas; ponha-se o mercúrio num vaso de barro, estreito em cima mas largo embaixo, e depois sobre um fogo moderado de carvão, que se deve soprar um pouco até que o mercúrio comece a fumegar e uma nuvem branca saia da boca do vaso.

4.4 Então coloque-se o metal laminado sobre o orifício do vaso. Assim o mercúrio comum penetra o metal e o torna tão friável quanto um pedaço de carvão. A calcinação pelo mercúrio vivo se dá quando o metal é partido em pequenas partículas, reduzido a lâminas ou granulado, e transformado em amálgama com mercúrio.

5 Depois esprema-se o mercúrio através de uma pele, e o metal ficará dentro da pele em forma de cal ou de areia. Mas, além dessas mortificações dos metais, destruições e branqueamentos de sua vida, deveis saber que há muitas outras mortificações dos metais.

5.2 Pois, além do fato de que toda ferrugem do ferro e do aço é uma morte, há outras que devem ser consideradas mais importantes. Por exemplo, é preciso saber que todo vitríolo, ou mesmo o latão queimado, é cobre mortificado; todo cinábrio precipitado, sublimado, calcinado é mercúrio mortificado; todo alvaiade, mínio ou chumbo amarelo é chumbo mortificado; todo lazúrio é prata mortificada.

5.3 Assim também todo Sol do qual se retirou a tintura, a quintessência, a resina, o croco ou o enxofre está morto, porque já não tem a forma do ouro, mas é um metal branco como a prata fixa.

6 Mas agora prossigamos expondo-vos por que meios se realiza a mortificação dos metais. Antes de tudo, é preciso saber, quanto ao ferro, que ele pode ser mortificado e reduzido a croco do seguinte modo: fazei lâminas muito finas de aço, batei-as em brasa e depois apagai-as em vinagre de vinho. Continuai fazendo isso até ver que o vinagre ficou muito vermelho.

6.2 Quando tiverdes bastante desse vinagre vermelho, despejai-o todo e destilai dele a umidade do vinagre. Coagulai o resíduo num pó seco. Este é o excelentíssimo Croco de Marte.

6.3 Há, porém, outro modo de fazer o Croco de Marte que em parte supera o anterior, e se realiza com muito menos despesa e trabalho, assim: estratificai lâminas muito finas de aço com quantidades iguais de enxofre e tártaro. Depois reverberai. Isso produz o croco mais belo, que deve ser retirado das lâminas.

7 Do mesmo modo deveis ser informados de que, se qualquer lâmina de ferro ou aço for untada com aqua fortis, ela também produz um belo croco. O mesmo resultado se obtém com o óleo de vitríolo, a água de sal, a água de alúmen, a água de sal amoníaco, a água de salitre, o mercúrio sublimado, todos os quais mortificam o ferro e o reduzem a croco; mas nenhum desses métodos se compara aos dois mencionados acima; pois só podem ser usados na Alquimia e não na medicina; assim, usai de preferência os dois primeiros métodos e evitai os demais.

8 A mortificação do cobre, para reduzi-lo a vitríolo, verdete ou latão queimado, também pode ser feita de vários modos; e há vários processos também com este metal, mas um é melhor e mais útil do que outro. Por isso convém anotar o melhor e mais útil, e nada dizer sobre os outros.

8.2 O melhor, mais fácil e mais seguro método de reduzir o cobre a vitríolo é o seguinte: untem-se lâminas de cobre com água de sal ou de salitre, e pendurem-se ou exponham-se ao ar até que as lâminas comecem a ficar verdes.

8.3 Lavai esse verde com água límpida de fonte, secai as lâminas com um pano; untai de novo as lâminas com água de sal ou de salitre, e procedei de novo como antes, repetindo o processo até que a água fique bem verde, ou lance muito vitríolo à superfície. Então retirai a água inclinando o vaso, ou decantando-a, e tereis um excelente vitríolo medicinal.

8.4 Para a Alquimia, não há vitríolo mais belo, nobre ou melhor do que aquele que se faz com aqua fortis, ou aqua regis, ou água de sal amoníaco. Procedei assim: untem-se lâminas de cobre com uma das referidas águas, e,

assim que o verde tiver sido extraído e as lâminas tiverem secado, retire-se o verde com uma pata de lebre, ou por algum outro meio à vontade, como se raspa o alvaiade das lâminas de chumbo.

9 Untem-se de novo como antes, até que as lâminas se consumam inteiramente, e daí se produz um vitríolo belíssimo, que não podereis deixar de admirar.

10 A água de salitre se faz assim: purificai o salitre, liquefazei-o e pulverizai-o.

11 Depois dissolvei-o sozinho num vaso com água fervente. Assim tendes a água de salitre. A água de sal amoníaco se faz do seguinte modo: calcinai o sal amoníaco e resolvei-o num estojo sobre mármore. Esta é a água de sal amoníaco.

12 Para fazer verdete a partir do cobre há vários modos que não é necessário relatar aqui. Descreveremos, portanto, apenas dois, com um método duplo de preparação, um para a Medicina e outro para a Alquimia.

12.2 O verdete usado na medicina admite o seguinte processo: tomai lâminas de cobre e untai-as com o seguinte composto: tomai quantidades iguais de mel e vinagre, com uma quantidade suficiente de sal para dar às três coisas juntas a consistência de uma pasta espessa.

12.3 Misturai bem e depois ponde num reverberatório, ou num forno de oleiro, pelo mesmo tempo em que o oleiro coze os seus vasos, e vereis uma substância negra aderida às lâminas.

12.4 Não deixeis que isso vos cause qualquer inquietação ou vos detenha; pois, se pendurardes ou expuserdes essas lâminas ao ar livre, em poucos dias a substância ficará verde e se tornará um excelente verdete, que se

pode chamar o bálsamo do cobre, e é muito estimado por todos os médicos.

12.5 E isso não deve causar surpresa, porque o verdete se torna verde primeiro no ar, e porque o ar tem o poder de transmutar uma cor negra num verde tão belo. Pois aqui é preciso saber que, como prova a experiência diária na alquimia, toda terra morta ou caput mortuum, tão logo sai do fogo para o ar, adquire imediatamente outra cor e perde a sua própria cor, que havia assumido no fogo. As mudanças dessas cores são muito variadas.

13 Conforme a matéria, assim são as cores produzidas, embora, na maior parte, elas brotem da negrura da terra morta. Vós que sois versados na Alquimia vedes que toda terra morta, fluxo de pó ou de aqua fortis, sai negra do fogo, e quanto mais ingredientes houver nela, mais variadas são as cores que se mostram no ar.

13.2 Às vezes aparecem só vermelhas, como as faz o vitríolo; às vezes só amarelas, brancas, verdes, cerúleas; às vezes misturadas, como no arco-íris ou na cauda do pavão. Todas essas cores se mostram depois da morte e em consequência da morte.

13.3 Pois na morte de todas as coisas naturais aparecem novas cores, e elas mudam da sua primeira cor para outra, cada uma segundo a sua própria natureza e propriedades. Ademais, diremos sobre o verdete aquilo que dedicamos à Alquimia.

13.4 O processo de sua preparação é o seguinte: fazei lâminas muito finas de cobre, que estratificareis sobre uma telha grande com porções iguais de enxofre e tártaro, pisados e misturados. Reverberai por vinte e quatro horas com fogo forte, tomando cuidado para que as lâminas de cobre não derretam.

13.5 Então retirai-as; quebrai a telha; exponde as lâminas ao ar, com a matéria que a elas adere, por alguns dias, e a matéria sobre as lâminas se converterá no mais belo verdete, que em todas as águas fortes, nas águas de graduação, nos cementos e colorações do ouro, tinge o ouro e a prata com uma cor profunda.

14 Mas, para que o cobre se torne æs ustum, que também se chama croco de cobre, deve-se adotar o seguinte processo: reduza-se o cobre a lâminas, untadas com sal reduzido a pasta com o melhor vinagre; ponham-se depois sobre uma telha grande, colocada num forno de fole, e queimem-se por um quarto de hora com fogo forte, mas de modo que as lâminas não derretam.

14.2 Essas lâminas, ainda em brasa, sejam apagadas em vinagre no qual se dissolveu sal amoníaco — meia onça numa libra de vinagre. Aqueçam-se de novo as lâminas e apaguem-se como antes; mas raspai continuamente para dentro do vinagre as escamas que aderem às lâminas depois de apagadas, ou então fazei-as cair batendo as lâminas, ou de qualquer modo que puderdes.

14.3 Continuai fazendo isso até que as lâminas de cobre estejam quase consumidas. Então extraia-se o vinagre por destilação, ou deixe-se evaporar num vaso aberto, e deixe-se coagular numa pedra muito dura. Assim tereis o croco de cobre usado na Alquimia.

14.4 Muitas pessoas costumam fazer o æs ustum, ou croco de Vênus, a partir de Vênus pela extração do álcool (outros, do vinum aceti), como o croco de Marte; mas eu prefiro muito mais este método.

15 A mortificação do Mercúrio, para que possa ser sublimado, faz-se com vitríolo e sal. Quando é misturado com esses dois e depois sublimado, torna-se duro como cristal e branco como a neve.

15.2 Para que o Mercúrio seja reduzido a precipitado, nada mais é preciso fazer do que calciná-lo na melhor aqua fortis; então extraia-se dele a aqua fortis graduada cinco vezes, mais ou menos, até que o precipitado adquira uma bela cor vermelha.

15.3 Adoçai esse precipitado o mais possível; e por fim destilai dele o vinho retificado sete ou nove vezes, ou quantas forem necessárias, até que ele arda no fogo e não escape. Então tendes o precipitado diaforético de Mercúrio.

16 Ademais, deve-se notar aqui um grande segredo a respeito do Mercúrio precipitado. Se, depois de sua coloração, for adoçado com água de sal de tártaro, destilando-o até que a água já não suba ácida, mas inteiramente doce, então tereis o precipitado doce como açúcar ou mel.

16.2 Este é o principal arcano para todas as feridas e úlceras e para o mal gálico, de tal modo que nenhum médico precisa desejar coisa melhor; e, além disso, alegra os alquimistas desanimados. Pois é um aumento do Sol, entra na composição do Sol, e por ele o ouro se torna constante e bom.

16.3 Embora, então, muito trabalho e esforço possam ser exigidos por este precipitado, ele os compensa e vos devolve o que gastastes. Além disso, tirais dele ganho suficiente — mais do que poderíeis alcançar pelo mais elevado artifício de qualquer espécie. Deveis, portanto, alegrar-vos com ele, e agradecer por ele a Deus e a mim.

16.4 Mas, para que o Mercúrio seja calcinado, já disse que isso deve ser feito em aqua fortis aguda, que deve ser abstraída por destilação, e faz-se a precipitação. Mas, para que o Mercúrio seja reduzido a cinábrio, deveis antes de tudo mortificá-lo e liquefazê-lo com sal e enxofre amarelo.

16.5 Reduzi-o a um pó branco, depois ponde-o numa cucúrbita; colocai um aludel em cima e sublimai com grande fluxão, como é costume. Assim o cinábrio sobe ao aludel e adere a ele, duro como a hematita.

17 A mortificação do chumbo, para que seja reduzido a alvaiade, é dupla, uma para a Medicina, outra para a Alquimia. A preparação da cerussa para a Medicina é a seguinte: suspendei lâminas de chumbo num vaso não vidrado sobre vinagre forte de vinho, estando o vaso bem fechado para que nenhum espírito escape. Colocai o vaso em cinzas quentes, ou, no inverno, atrás do fogo.

17.2 Então, depois de dez ou catorze dias, encontrareis a melhor cerussa aderida às lâminas. Raspai-a com uma pata de lebre, e recolocai a lâmina sobre o vinagre até terdes cerussa suficiente. A outra preparação da cerussa, para a Alquimia, é como a anterior, salvo que se deve dissolver no vinagre uma quantidade do melhor sal amoníaco.

17.3 Desse modo tereis uma cerussa belíssima, sutilíssima para purgar o estanho ou o chumbo, ou para tirar a brancura do cobre. Mas, se quisermos fazer mínio a partir do chumbo, ele deve primeiro ser calcinado até virar cinzas, e depois queimado lateralmente num jarro vidrado, mexendo-o continuamente com um arame de ferro até que fique vermelho.

17.4 Este mínio é ao mesmo tempo o melhor e o mais valioso, e deve ser usado tanto na Medicina quanto na Alquimia. O outro, que os comerciantes vendem nas lojas, não tem utilidade. É feito apenas das cinzas que restam na liquefação do minério de chumbo, e os oleiros o compram para revestir vasos. Esse mínio só serve para pinturas, mas nem para a Medicina nem para a Alquimia.

18 Para reduzir o chumbo a uma cor amarela requer-se um processo não de todo diferente da preparação do mínio. Aqui também o chumbo deve ser calcinado com sal e reduzido a cinzas. Depois deve ser mexido continuamente com ferro numa das travessas largas usadas pelos que ensaiam minerais, sobre um fogo moderado de carvão, vigiando-se com cuidado para que o calor não seja grande demais nem se descuide de mexer. Do contrário ele derreteria e produziria vidro amarelo. Desse modo tereis um excelente chumbo amarelo.

19 A mortificação da prata, para que dela se produza o lazúrio, ou alguma substância semelhante, faz-se do seguinte modo: reduza-se Luna a lâminas, misture-se com Mercúrio e suspenda-se num jarro vidrado sobre o melhor vinagre, no qual se ferveram previamente auratse. Depois dissolvei nele sal amoníaco e tártaro calcinado.

19.2 Em todos os demais pormenores procedei como foi indicado no caso da cerussa. Então, depois de catorze dias, tereis o mais precioso e belo lazúrio aderido às lâminas de prata, que limpareis com uma pata de lebre.

20 Não julgamos necessário repetir aqui o método de mortificar o ouro para que seja reduzido aos seus arcanos, como, por exemplo, a tintura, quintessência, resina, croco, vitríolo e enxofre.

20.2 Essas preparações são múltiplas, e na maior parte já demos esses segredos em outros livros, como a extração da Tintura do Sol, a Quintessência do Sol, o Mercúrio do Sol, o Sol Potabilis, a resina do Sol, o Croco do Sol. Estes foram dados no Archidoxa e em outros lugares. Mas os segredos ali omitidos nós os comunicaremos aqui.

20.3 Eles dizem respeito ao vitríolo do Sol e ao enxofre do Sol, que de modo algum são os menores entre tais segredos e, na verdade, devem deleitar todo médico. Para extrair o vitríolo do Sol, procedei assim: tomai dois ou três marcos de ouro puro, que reduzireis a lâminas e suspendereis sobre urina de meninos, misturada com bagos de uva, numa cucúrbita de vidro larga, hermeticamente fechada em cima.

20.4 Enterrai-a num monte ardente de bagaço de uva, tal como sai do lagar, e deixai-a ali por quinze dias ou três semanas. Então abri-a, e encontrareis uma cor sutilíssima, que é o vitríolo do Sol, aderida às lâminas de Sol.

21 Retirai-a com uma pata de lebre, como vos foi dito no caso dos outros metais — o croco de Marte das lâminas de ferro, o vitríolo de Vênus e o verdete das lâminas de cobre, a cerussa das lâminas de Saturno, o lazúrio das lâminas de Luna — estando todos compreendidos num só processo, mas não com a mesma preparação.

21.2 Quando, por conseguinte, tiverdes bastante deste vitríolo do Sol, fervei-o bem em água da chuva destilada, mexendo-o continuamente com alguma espécie de espátula. Então o enxofre do ouro sobe à superfície como gordura, que retirareis com uma colher. Assim também procedei com outro vitríolo.

21.3 Depois de retirado o enxofre, evaporai essa água da chuva até a secura perfeita, e o vitríolo do Sol ficará no fundo. Este podeis facilmente resolver sobre mármore num lugar úmido. Nesses dois arcanos, isto é, o vitríolo do ouro e o enxofre do ouro, está latente uma virtude diaforética.

21.4 Contudo, não descreveremos aqui essas virtudes, porque já as indicamos suficientemente no livro sobre as Doenças Metálicas e em outros lugares.

22 A mortificação do enxofre consiste em tirar-lhe a gordura combustível e fétida e reduzi-lo a uma substância fixa. Isso se realiza do seguinte modo: tomai enxofre amarelo comum, reduzido a pó fino, e abstraí dele a aqua fortis muito acre por uma tríplice destilação.

22.2 Depois adoçai o enxofre que fica no fundo, e é de cor negra, com água doce, repetindo continuamente o processo de destilação até que dele não saia senão água doce e não haja mais cheiro de enxofre. Reverberai este enxofre num reverberatório fechado, como no caso do antimônio. Então ele se tornará primeiro branco, depois amarelo; em terceiro lugar, vermelho como cinábrio.

22.3 Quando o tiverdes nessa forma, deveis alegrar-vos; pois é para vós o começo da riqueza. Este enxofre reverberado tinge qualquer prata tão profundamente que a transforma no mais precioso ouro, e o corpo humano ele o tinge até o seu mais perfeito estado de saúde. De tão grande virtude é este enxofre reverberado e fixo.

23 A mortificação de todos os sais, e de tudo o que é de natureza salina, é a remoção e destilação da sua parte aquosa e oleaginosa, e além disso do espírito de sal; pois, se estes forem retirados, eles passam a chamar-se terra morta, ou caput mortuum.

24 A mortificação das gemas e dos corais consiste em serem calcinados, sublimados e dissolvidos num líquido, como o cristal. A mortificação das pérolas consiste em serem calcinadas e resolvidas em vinagre agudo em forma de leite.

25 A mortificação do ímã consiste em ser untado com óleo de mercúrio ou tocado pelo mercúrio comum. Depois disso já não atrai ferro algum.

26 A mortificação das pederneiras e das pedras é a calcinação.

27 A mortificação das marcassitas, cachymiae, talco, cobalto, zinco, granitos, zwitter, vismut e antimônio é a sublimação, isto é, serem sublimados com sal e vitríolo. Então a sua vida, que é o espírito metálico, sobe com o espírito de sal. Lave-se o que ficar no fundo do sublimatório, para que se lhe retire o sal, e tereis terra morta, na qual não há virtude alguma.

28 A mortificação dos arsenicais, auripigmento, ouropigmento, realgar etc. se dá quando são tornados fluidos com salitre, transformados em óleo ou líquido sobre mármore, e fixados.

29 A mortificação das coisas ondulosas é uma coagulação do ar.

30 A mortificação das substâncias aromáticas é a remoção do seu bom odor.

31 A mortificação das coisas doces consiste em serem sublimadas com corrosivos e destiladas.

32 A mortificação das carabæ, resinas, terebintina e goma consiste em serem reduzidas a óleo ou verniz.

33 A mortificação das ervas, raízes e semelhantes consiste em destilar-lhes o óleo e a água, espremer o líquido numa prensa e depois extrair o álcali.

34 A mortificação das madeiras consiste em serem transformadas em carvão ou cinzas.

35 A mortificação dos ossos é a sua calcinação.

36 A mortificação da carne e do sangue é a remoção do espírito de sal.

37 A mortificação da água é produzida pelo fogo: pois o calor do fogo seca e consome toda água. Assim a mortificação do fogo se dá pela água; pois a água apaga o fogo e lhe tira a sua força e eficácia.

38 Assim estais suficientemente informados, em poucas palavras, de como a morte está latente em todas as coisas naturais: de como são mortificadas e reduzidas a outra forma e natureza, e também de que virtudes delas emanam. O que mais for necessário dizer nós o exporemos em nosso livro sobre a Ressuscitação das Coisas Naturais.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VI. DA RESSUSCITAÇÃO DAS COISAS NATURAIS

✦

1 A ressuscitação e a redução das coisas naturais não é o menos importante na natureza das coisas, mas um segredo profundo e grande, antes divino e angélico do que humano e natural.

1.2 Quero, porém, ser entendido neste ponto com o maior discernimento, e de nenhum outro modo senão segundo a minha opinião firme, como a Natureza diária e claramente mostra e a experiência prova; para que eu não fique exposto às mentiras e deturpações de meus inimigos, os médicos charlatães (pelos quais sou constantemente mal julgado), como se eu mesmo pretendesse usurpar algum poder divino, ou atribuir à Natureza aquilo que ela nunca reivindica.

1.3 Por isso, neste ponto, é necessária a mais cuidadosa observação, visto que a morte é dupla, isto é, violenta ou espontânea. De uma, uma coisa pode ser ressuscitada, mas não da outra.

1.4 Não acrediteis, pois, nos sofistas quando vos dizem que uma coisa uma vez morta ou mortificada não pode ser ressuscitada, e quando fazem pouco da ressuscitação e da restauração; pois o seu erro é grande.

1.5 É bem verdade que tudo o que perece pela sua própria morte natural, ou tudo o que se mortifica pela Natureza segundo a sua própria predestinação, só Deus pode ressuscitar, ou então isso deve ser feito por Sua ordem divina. Assim, o que a Natureza consome, o homem não pode restaurar. Mas o que o homem destrói, o homem pode restaurar, e quebrar de novo depois de restaurado.

2 Além disso o homem, por sua condição, não tem poder, e se alguém se esforçasse por fazer mais, estaria arrogando a si o poder de Deus, e porém trabalharia em vão e seria confundido, a menos que Deus estivesse com ele, ou que ele tivesse tal fé que pudesse remover montanhas. A tal homem isto, e coisas ainda maiores, seriam possíveis, já que a Escritura diz, pois o próprio Cristo disse: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda, e disserdes a este monte: Sai daqui e põe-te ali, ele o faria e se poria ali; e todas as coisas vos serão possíveis, e nada vos será impossível."

3 Mas voltemos à nossa proposição. Qual é a diferença entre morrer e ser mortificado, e de qual dessas condições é possível a ressuscitação? A questão deve ser entendida assim. Tudo o que morre pela sua própria natureza tem o seu fim segundo a predestinação, e conforme o dispõem o agrado e a dispensação de Deus.

3.2 Mas isso também acontece por diferentes doenças e acidentes, e daí não há ressuscitação, nem há preservativo algum que se possa usar contra a predestinação e o fim cognato da vida. Mas o que é mortificado pode ser ressuscitado e revivificado, como se pode provar por muitos argumentos que exporemos no fim deste livro.

3.3 Assim, pois, há a maior diferença entre morrer e mortificar, nem se deve pensar que sejam apenas dois nomes para uma só coisa. Na verdade, diferem o mais amplamente possível. Examinai o caso de um homem que morreu de morte natural e predestinada. Que bem ou utilidade há ainda nele? Nenhum. Seja lançado aos vermes.

3.4 Mas não é o mesmo o caso de um homem que foi morto à espada ou morreu de alguma morte violenta. Todo o seu corpo é útil e bom, e pode ser transformado na mais valiosa múmia. Pois, embora o espírito da vida te-

nha saído de tal corpo, ainda assim o bálsamo permanece, no qual a vida está latente, e que, de fato, como bálsamo, também conserva outros corpos humanos.

4 Assim também, no caso dos metais, vedes que, quando um metal tende a morrer, começa a ser atacado pela ferrugem, e o que foi assim atacado está morto; e quando todo o metal é consumido pela ferrugem, o todo está morto, e tal ferrugem jamais pode ser trazida de volta a ser metal, mas é mera cinza e não metal. Está morta, e a morte está nela mesma: nem tem mais o bálsamo da vida, mas pereceu em si mesma.

5 A cal e as cinzas dos metais também são duplas, e há a maior diferença entre essas duas. Pois uma pode ser revivida e trazida de volta a ser metal, mas não a outra. Uma é volátil, a outra é fixa. Uma está morta, a outra está mortificada. A cinza é volátil e não pode ser trazida de volta a metal, mas apenas a vidro ou escórias.

5.2 Mas a cal dos metais é fixa e pode ser trazida de novo ao seu próprio metal. Se quiserdes entender a diferença e a sua causa, sabei que na cinza há menos gordura e mais secura do que na cal, e é isto que dá a fluxão.

5.3 A cal é mais gorda e mais úmida do que a cinza, e ainda retém a sua resina e a sua fluxão, e retém principalmente o sal, que por sua natureza especial é capaz de fluxo e também faz todos os metais entrarem em fluxo, reduzindo-os assim. Daí se segue, quanto às cinzas dos metais, que não podem ser trazidas de volta a metais.

5.4 O sal deve ser extraído; então elas ficam perfeitamente voláteis. Este é o ponto principal e deve ser notado com todo o cuidado, pois não pouco depende dele. Entre os falsos médicos prevalece um erro enorme.

5.5 Em lugar do Sol Potabilis, da Quintessência do ouro, da Tintura do ouro e assim por diante, impingiram aos homens uma Cal leprosa de Sol, sem considerar a diferença nem os males que daí resultam.

6 Pois dois fatos notáveis e necessários devem ser observados aqui, a saber: que o Sol calcinado ou pulverizado, quando dado aos homens, ou se congrega numa só massa nas entranhas, ou sai per anum com as fezes, e assim é tomado em vão e inutilmente; ou então, pelo grande calor interno do corpo, é reduzido, de modo que incrusta e obstrui as entranhas, de onde se seguem muitas e várias doenças, e por fim até a morte.

7 E como com o Sol, assim também no caso dos outros metais, não deveis tomar no corpo nenhum arcano ou medicamento metálico a menos que ele tenha sido primeiro tornado volátil, de modo que não possa ser trazido de volta à sua condição metálica.

7.2 Por isso o primeiro passo e começo da preparação do Aurum Potabile é este; depois tal substância volátil pode ser dissolvida pelo espírito de vinho, de modo que ambos sobem juntos, tornando-se voláteis e inseparáveis. Assim como preparais o ouro, do mesmo modo preparais Luna, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno e Mercúrio potáveis.

8 Mas voltemos à nossa proposição, e provemos por exemplos e por razões adequadas que as coisas mortificadas não estão mortas nem obrigadas a continuar na morte, mas podem ser trazidas de volta, ressuscitadas e vitalizadas pelo homem, segundo a orientação e a regra naturais.

8.2 Vedes isso no caso dos leões, que nascem todos mortos e são vitalizados pela primeira vez pelo rugido horrível de seus pais, assim como uma pessoa adormecida é despertada por um grito. Assim os leões são desperta-

dos; não que estejam dormindo do mesmo modo — pois quem dorme um sono natural necessariamente acordaria —, mas não é este o caso dos leões.

8.3 Se não fossem despertados por esse rugido, permaneceriam mortos, e jamais se encontraria vida neles. Daí se entende que adquirem a sua vida e são vitalizados por esse rugido.

8.4 Vedes o mesmo em todos os animais, exceto os que são produzidos pela putrefação, como as moscas, que, se forem afogadas na água de modo que não se possa discernir vida nelas, e assim forem deixadas, continuariam mortas e jamais reviveriam por si mesmas.

8.5 Mas, se forem polvilhadas com sal e postas ao sol quente, ou atrás de um forno aquecido, recuperam a sua vida anterior, e esta é a sua ressuscitação. Se isso não se fizesse, permaneceriam mortas. Assim vedes no caso da serpente.

8.6 Se for cortada em pedaços, e esses pedaços forem postos numa cucúrbita e putrefeitos num venter equinus, a serpente inteira reviverá no vidro na forma de pequenos vermes ou de ovas de peixe.

9 Ora, se esses vermezinhos forem — como devem ser — trazidos para fora pela putrefação e nutridos, mais de cem serpentes serão produzidas a partir de uma só, cada uma delas tão grande quanto a original. Isso pode ser realizado só pela putrefação. E assim como com a serpente, muitos animais podem ser ressuscitados, chamados de volta e restaurados.

9.2 Por esse processo, com o auxílio da nigromancia, Hermes e Virgílio tentaram renovar-se e ressuscitar-se depois da morte, e nascer de novo como crianças, mas a experiência não saiu segundo a sua intenção e malogrou.

10 Deixemos, porém, esses exemplos e passemos ao método prático da ressuscitação e da restauração. Convém começar pelos metais, porque os corpos metálicos se assemelham com mais frequência aos corpos humanos.

10.2 Sabei, então, que a ressuscitação e renovação dos metais é dupla: uma traz de volta os metais calcinados, por um processo de redução, ao seu corpo metálico original; a outra reduz os metais à sua primeira matéria. A primeira é uma redução a argentum vivum, e assim também é o segundo processo. Calcinai um metal por meio da fuligo Mercurii.

10.3 Ponde essa cal e uma quantidade suficiente de azougue num sublimatório, e deixai-os repousar algum tempo, até que os dois se coagulem num só amálgama. Então, por meio da sublimação, elevai o Mercúrio da cal. Uma vez elevado, pisai-o de novo com a cal metálica e sublimai como antes.

10.4 Repeti isso até que a cal metálica se liquefaça sobre uma vela, como cera ou gelo, e então a coisa está feita. Ponha-se esse metal em digestão pelo tempo que for necessário, e o todo se converterá em Mercurius vivus, isto é, em sua primeira matéria. Este se chama o Mercurius dos Metais dos Filósofos. Muitos alquimistas o buscaram, mas poucos o encontraram.

10.5 Assim se prepara agora o Mercurius vivus de todos os metais, a saber, o Mercurius do Ouro, de Luna, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno.

11 A ressuscitação ou restauração do Mercúrio calcinado se produz por destilação em retortas. Pois só o Mercurius vivus sobe para a água fria, e as cinzas de Saturno, Vênus ou do enxofre ficam para trás. Mas a ressuscitação e restauração do Mercúrio sublimado se realiza em água quente.

11.2 É necessário, porém, que ele seja antes de tudo pisado muito miudamente, para que a água fervente resolva dele o espírito de sal e de vitríolo, que ele eleva consigo no processo de sublimação, e o Mercurius vivus se junta no fundo da água.

11.3 Se agora esse Mercurius vivus for sublimado de novo com sal e vitríolo frescos, e outra vez ressuscitado em água fervente, e se isso for repetido sete ou nove vezes, será impossível purificá-lo e renová-lo mais eficazmente.

11.4 Guardai isto como um grande segredo na Alquimia e na Medicina, e alegrai-vos sobremaneira com ele; pois desse modo toda a impureza, negrura e natureza venenosa são tiradas do Mercúrio. A ressuscitação, restauração e renovação do Mercúrio não podem ser realizadas sem sublimação; pois, a menos que depois da calcinação ele seja sublimado, jamais será revivificado. Sublimai-o, portanto, e depois reduzi-o como faríeis com qualquer outra substância sublimada.

12 A ressuscitação do cinábrio, do lazúrio, do aurum musicum ou do ouro precipitado, para que sejam revividos em Mercurius vivus, faz-se do seguinte modo: tomai qualquer uma dessas substâncias, pisai-a bem fina num almofariz de mármore e fazei dela uma pasta com clara de ovos e smegma. Depois fazei pílulas do tamanho de uma noz, que poreis numa cucúrbita forte de barro.

12.2 Em seu orifício disponde uma lâmina de ferro com vários furinhos, e seja ela fixada com luto. Destilai por descenso sobre um fogo forte, para que caia em água fria, e de novo tereis Mercurius vivus.

13 A ressuscitação e restauração da madeira é difícil e árdua; possível, sem dúvida, mas não realizável sem habilidade e diligência excepcionais. O seguinte é o método de sua revivificação: tomai madeira que tenha sido primeiro carvão, depois cinza, e ponde-a numa cucúrbita com a resina, o líquido e o óleo da sua árvore, o mesmo peso de cada um.

13.2 Misturem-se e liquefaçam-se sobre um fogo brando. Então se produzirá uma matéria mucilaginosa, e assim tereis juntos os três princípios dos quais todas as coisas nascem e são geradas, a saber, fleuma, gordura e cinza. A fleuma é Mercúrio, a gordura é Enxofre, e a cinza é Sal.

13.3 Pois o que fumega e evapora sobre o fogo é Mercúrio; o que se inflama e se queima é Enxofre; e toda cinza é Sal. Ora, quando tiverdes esses três princípios juntos, ponde-os num venter equinus e putrefazei pelo tempo que cada um respectivamente exigir.

13.4 Se depois essa matéria for enterrada, ou despejada num solo fértil, vereis que começa a reviver, e dela se produzirá uma árvore ou um pequeno tronco, que, na verdade, é em sua natureza muito mais elevado do que o original.

14 Isto é realmente madeira, e se chama madeira ressuscitada, renovada e restaurada. Era desde o princípio madeira, mas mortificada, destruída e reduzida a carvões, a cinzas — ao nada; e contudo desse nada é feita alguma coisa, e renasce.

14.2 Verdadeiramente, à luz da Natureza, este é um grande mistério: que uma coisa que havia perdido inteiramente a sua forma, e fora reduzida ao nada, recupere essa forma e se torne algo a partir do nada — algo que depois é muito mais nobre em sua virtude e eficácia do que havia sido a princípio.

15 Mas, para que falemos de modo geral sobre a ressuscitação e restauração das coisas naturais, isto deve ser entendido como o fundamento principal: que a cada coisa se possa conceder de novo aquilo que lhe foi tirado e separado na mortificação. É difícil explicar isto especificamente aqui; assim, concluiremos este livro, e no livro seguinte esclareceremos mais estas coisas no que diz respeito às transmutações das coisas naturais.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VII. DA TRANSMUTAÇÃO DOS OBJETOS NATURAIS

✦

1 Se havemos de escrever sobre a transmutação de todos os objetos naturais, é justo e necessário que, em primeiro lugar e antes de tudo, mostremos o que é a transmutação; em segundo lugar, quais são os degraus sucessivos que a ela conduzem; e, em terceiro, por que meios e de que maneira ela se realiza.

1.2 A transmutação, pois, ocorre quando um objeto perde a sua própria forma e é de tal modo mudado que já não guarda semelhança alguma com o seu aspecto anterior, mas assume outra aparência, outra essência, outra cor, outra virtude, outra natureza ou conjunto de propriedades: como quando um metal se torna vidro ou pedra; quando a pedra ou a madeira se tornam carvão; quando o barro se torna pedra e ardósia; o couro, cola; o trapo, papel; e muitas coisas semelhantes.

1.3 Todas estas são transmutações de objetos naturais. Depois disso, é muitíssimo necessário saber quantos são os degraus da transmutação. Não são mais que sete. Pois, embora algumas pessoas contem um número maior, há, na verdade, apenas sete degraus principais; os demais que se possam incluir entre os degraus estão compreendidos nestes sete. São os seguintes:

2 Calcinação, Sublimação, Solução, Putrefação, Destilação, Coagulação, Tintura.

3 Se alguém subir essa escada, chegará a um lugar tão maravilhoso que verá e experimentará muitos segredos na transmutação dos objetos naturais.

4 O primeiro degrau, pois, é a Calcinação, sob a qual se compreendem a Reverberação e a Cementação. Entre estas três há pouca diferença no que diz respeito à Calcinação. Aqui, portanto, a Calcinação é o degrau principal, pois pela Reverberação e pela Cementação muitos objetos corpóreos são calcinados e reduzidos a cinzas, especialmente os metais.

4.2 O que é calcinado nem por isso é reverberado ou cementado. Pela Calcinação todos os metais, minerais, pedras, vidros e todos os objetos corpóreos tornam-se carvão e cinzas; e isso se faz num fogo nu, forte e exposto ao ar.

4.3 Por meio dela toda terra tenaz, mole e gorda é endurecida em pedra; mas todas as pedras são reduzidas a cal, como vemos no forno do caieiro e do oleiro, respectivamente.

5 A Sublimação é o segundo degrau, também muito importante para a transmutação de muitos objetos naturais. Sob ela estão incluídas a Exaltação, a Elevação e a Fixação; e ela não é de todo diferente da Destilação.

5.2 Pois, assim como de todos os objetos fleumáticos e aquosos a água sobe na destilação e se separa do seu corpo, assim também, no processo de Sublimação, nas substâncias secas como os minerais, o espiritual é elevado do corpóreo, sutilizado, e o puro é separado do impuro.

5.3 Pois na Sublimação encontram-se nos minerais muitas virtudes excelentes e qualidades maravilhosas, e muitas coisas se fixam e se tornam permanentes, de modo que permanecem no fogo, da seguinte maneira: moa-se de novo o corpo que foi sublimado e misture-se com as suas próprias fezes.

5.4 Sublime-se outra vez como antes, e repita-se isto até que já não sublime, mas tudo permaneça no fundo e esteja fixo. Assim, depois, ele se tornará pedra e óleo quando e quantas vezes quiseres. Pois se, depois de resfriado, o puseres ao ar, ou num vaso de vidro, ali ele se resolve imediatamente em óleo.

5.5 Se o puseres mais uma vez no fogo, ele de novo se coagula em pedra, que é de grandes e maravilhosos poderes. Mas considera isto um grande segredo e mistério da Natureza, e não o reveles aos sofistas.

6 Ademais, assim como na Sublimação muitos corrosivos se tornam doces pela conjunção das duas naturezas, assim, por outro lado, muitas substâncias doces se tornam ácidas ou amargas, ao passo que muitas coisas amargas se fazem doces como o açúcar.

6.2 Aqui deve-se notar também que todo metal levado ao estado de Sublimação por meio do sal amoníaco pode depois ser dissolvido em óleo no frio, ou ao ar, e, ao contrário, pode ser coagulado em pedra no fogo. Esta é uma das maiores e mais completas transmutações em todos os objetos naturais, a saber, transmutar um metal em pedra.

7 O terceiro degrau é a Solução, sob cujo termo se compreendem a Dissolução e a Resolução. Este degrau frequentemente segue a Sublimação e a Destilação, como, por exemplo, quando dissolves a matéria que fica no fundo. A Solução, contudo, é dupla: uma pelo frio, outra pelo calor; uma fora do fogo, a outra no fogo.

7.2 O processo frio da Solução dissolve todos os sais, corrosivos e corpos calcinados. Qualquer qualidade salina e corrosiva que haja, ele a resolve em óleo, licor ou água; e isso se dá numa câmara úmida e fria, ou então somente ao ar, sobre mármore ou vidro.

7.3 Pois tudo o que se dissolve no frio contém o espírito agudo do sal, que muitas vezes adquire e assume na Sublimação ou na Destilação. E tudo o que se dissolve no frio ou ao ar é de novo, pelo calor do fogo, mudado em pó ou pedra.

7.4 Mas a Solução pelo calor dissolve todos os corpos gordos e sulfurosos; e o que o calor do fogo dissolve, o frio coagula numa massa, e o que o calor coagula, o ar e o frio tornam a dissolver. Também se deve saber que tudo o que o ar ou a câmara fria dissolvem é de grande secura e oculta dentro de si um fogo corrosivo.

7.5 Assim, tudo o que se dissolve no fogo, e pelo seu calor, tem em si doçura e frio, mas não fogo. Assim, e de nenhum outro modo, deve-se entender a Solução.

8 A Putrefação é o quarto degrau, sob o qual se compreendem a Digestão e a Circulação. Ora, a Putrefação é um degrau importantíssimo, que mereceria estar em primeiro lugar, não fosse isso contrário à justa ordem e ao mistério que aqui se oculta e é conhecido de pouquíssimos.

8.2 Pois estes degraus devem seguir-se uns aos outros, como foi dito, como os elos de uma corrente ou os degraus de uma escada. Pois, se um dos elos da corrente fosse retirado, a corrente se romperia e o cativo escaparia.

8.3 E assim também, se um dos degraus da escada fosse tirado do meio e posto no lugar mais alto ou mais baixo, também a escada se quebraria, e muitos cairiam dela de cabeça e poriam em risco a vida.

8.4 Entende, pois, que aqui estes degraus se seguem uns aos outros numa justa ordem; do contrário, toda a obra do nosso mistério seria pervertida, e todo o nosso labor e esforço frustrados e anulados. A Putrefação é de

tão grande eficácia que apaga a velha natureza e transmuta todas as coisas numa outra natureza nova, e dá outro fruto novo.

8.5 Todas as coisas vivas morrem nela, todas as coisas mortas se decompõem, e então todas essas coisas mortas recobram a vida. A Putrefação tira a acrimônia de todos os espíritos corrosivos do sal, torna-os brandos e doces, transmuta as suas cores, separa o puro do impuro e põe o puro mais acima e o impuro mais abaixo, cada um por si.

9 A Destilação é o quinto degrau para a transmutação de todos os objetos naturais. Sob ela se entendem a Ascensão, a Lavação, a Imbibição, a Coobação e a Fixação. Pela Destilação todas as águas, licores e óleos são sutilizados, o óleo é extraído de todas as substâncias gordas, a água de todos os licores, e em todas as substâncias fleumáticas o óleo e a água são separados.

10 Além disso, muitas coisas na Destilação são fixadas pela Coobação, principalmente se as substâncias a fixar contêm água dentro de si, como o vitríolo. Quando este é fixado, chama-se colcótar. O alume, se for fixado com a sua própria água, chama-se Zuccari.

10.2 Também este se resolve em licor e, se for putrefeito durante um mês, produz uma água doce como o açúcar, que é, de fato, de grande poder e um excelente arcano na medicina para extinguir o fogo microcósmico nos homens de temperamento metálico, como escrevemos mais extensamente nos nossos livros sobre as Doenças Metálicas.

10.3 E assim como ouviste a respeito do vitríolo e do alume, assim também o salitre e outros minerais aquosos podem ser fixados por coobação.

11 O processo da Coobação consiste em que um caput mortuum seja muitas vezes embebido com a sua própria água, e esta seja de novo retirada por meio da Destilação.

11.2 Ademais, na Destilação muitas coisas amargas, agudas e acres tornam-se muito doces, como o mel, o açúcar ou o maná; e, por outro lado, muitas coisas doces, como o mel, o açúcar ou o maná, tornam-se agudas, como o óleo de vitríolo ou o vinagre, ou amargas, como o fel ou a genciana, ou agudas, como um corrosivo.

11.3 Muitas coisas excrementícias perdem na destilação o seu fedor excessivo, já que este passa para a água. Muitas coisas aromáticas perdem o seu odor agradável. E assim como a Sublimação altera as coisas na sua qualidade e natureza, assim também o faz a Destilação.

12 A Coagulação é o sexto degrau. Há, porém, um duplo processo de Coagulação, um pelo frio, outro pelo calor; isto é, um do ar, outro do fogo. Cada um destes, por sua vez, é duplo, de modo que há na realidade quatro processos de Coagulação, dois pelo frio e dois pelo fogo. As Coagulações pelo fogo são fixas; as outras, pelo frio, não são fixas.

12.2 Uma, de fato, é produzida apenas pelo ar comum, ou sem fogo. Outra é produzida pelo firmamento superior das estrelas do inverno, que coagulam todas as águas em neves e gelo. A Coagulação pelo fogo é produzida pelo fogo artificial e graduado do alquimista, e é fixa e permanente. Pois o que tal fogo coagula torna-se permanente.

12.3 Outra Coagulação é produzida pelo fogo etneu e mineral nas montanhas, que o Arqueu da terra rege e gradua de modo muito semelhante ao do alquimista; e o que é coagulado por tal fogo é também fixo e constante, ainda que originalmente a sua matéria fosse mucilaginosa, e é coagulado pelo Arqueu da terra e pela obra da Natureza em metais, pedras, sílex e outros corpos.

12.4 Mas deve-se saber também que o fogo não coagula nenhuma água ou umidade, mas somente os licores e sucos de todas as coisas naturais. Por esta razão nenhuma fleuma pode ser coagulada, a menos que tenha sido originalmente uma matéria corpórea, à qual, de fato, pode ser de novo restituída pela indústria de um alquimista experiente.

13 Assim, toda matéria mucilaginosa ou lentor espermático pode, pelo calor do fogo, ser coagulada num corpo e matéria corporal, mas não pode de novo ser resolvida em água.

13.2 E como ouviste a respeito da Coagulação, sabe também a respeito da Solução, a saber, que nenhuma matéria corpórea pode ser resolvida em água a menos que originalmente tenha sido água, e tal é o caso de todas as substâncias minerais.

13.3 A Tintura é o sétimo e último degrau, que conclui a obra do nosso mistério no que se refere à transmutação, torna perfeitas todas as coisas imperfeitas, transmuta-as na sua mais nobre essência e no seu mais alto estado de saúde, e as muda para outra cor.

13.4 A Tintura, portanto, é a matéria mais nobre com a qual os corpos, metálicos e humanos, são tingidos, trasladados para uma essência melhor e muito mais nobre, e para a sua suprema saúde e pureza. Pois uma Tintura colore todas as coisas segundo a sua própria natureza e a sua própria cor.

13.5 Mas há muitas e variadas Tinturas, e não apenas para os corpos metálicos e humanos, já que tudo o que penetra outra matéria, ou a tinge com outra cor ou essência, de modo que já não seja como era antes, pode ser chamado Tintura.

13.6 Há, pois, tinturas múltiplas, a saber, de metais, minerais, corpos humanos, águas, licores, óleos, sais, todas as substâncias gordas — numa palavra, de todas as coisas que, com ou sem fogo, podem ser levadas ou reduzidas a um estado de fluxão.

14 Pois, se a tintura há de tingir, é necessário que o corpo ou matéria a ser tingido esteja aberto e em estado de fluxo; pois, se assim não fosse, a tintura não poderia operar. Seria exatamente como se alguém lançasse açafrão, ou alguma outra cor, em água coagulada ou gelo; não tingiria o gelo com a sua cor tão depressa como se a pusesse em outra água.

14.2 E, embora pudesse tingir o gelo, ao mesmo tempo o reduziria a água. Por isso também os metais que queremos tingir devem ser liquefeitos pelo fogo e libertados da sua coagulação.

14.3 E aqui se deve saber que, quanto mais quentes forem liquefeitos, tanto mais depressa a tintura os percorre, assim como o fermento penetra toda a massa e lhe comunica acidez; e quanto melhor ela for coberta e quanto mais quente se mantiver a massa, tanto mais perfeitamente fermenta e melhor pão dá: pois o fermento é uma Tintura da massa farinácea e do pão.

15 Também se deve notar que algumas fezes são de substância mais fixa que o seu licor, e também de natureza mais aguda e penetrante, como vês no caso do vinum ardens, que se faz das borras do vinho, e no caso da cerevisia ardens, que se destila das borras da cerevisia; e assim como o vinum ardens arde, e como o enxofre se acende, assim, se das borras do acetum se destilasse outro acetum, como comumente se destila o vinum ardens, produzir-se-ia daí um acetum de natureza tão ígnea e acre que consumiria todos os metais, pedras e outras substâncias, como a água-forte.

16 Além disso, a tintura deve ser de natureza fixa, fluxível e incombustível, de modo que, se um pouco dela for lançado sobre uma lâmina de metal incandescente, logo flutue como cera, e isso sem fumaça alguma, e penetre o metal como o óleo penetra o papel, ou a água uma esponja, e tinja todos os metais de branco e vermelho, isto é, no caso de Luna e Sol.

16.2 Estas são, pois, as Tinturas dos metais, que antes de tudo devem ser reduzidas a álcool pelo degrau da Calcinação. Depois, pelo segundo degrau da Sublimação, deve-se produzir o seu próprio fluxo fácil e brando; por último, pelo degrau da Putrefação e da Destilação, desenvolve-se a Tintura, fixa, incombustível e de cor imutável.

17 Mas as Tinturas dos corpos humanos — pelas quais esses corpos podem ser tingidos até o seu supremo estado de saúde, e todas as doenças podem ser expulsas, de modo que os seus poderes e cores perdidos sejam restaurados, e eles mesmos fortalecidos e renovados — são estas: o ouro, as pérolas, o antimônio, o enxofre, o vitríolo e semelhantes, cujas preparações damos em muitos outros livros, de modo que não nos parece necessário repeti-las aqui.

18 Mas sobre as Tinturas nada mais é preciso escrever, visto que toda cor extraída pode ser chamada Tintura, a qual, de fato, tinge com uma cor permanente as coisas que não vão ao fogo, ou que conservam as suas cores fixas no fogo. Todas estas coisas estão na mão e no poder do tintureiro ou do pintor, que as prepara a seu bel-prazer.

19 É especialmente necessário também, neste livro, conhecer os graus do fogo, que podem ser graduados e intensificados de muitas maneiras, e cada grau tem a sua operação peculiar, sem que nenhum dê o mesmo resultado

que outro, como todo alquimista hábil descobre pela sua experiência diária e pela prática da sua arte. Um é o fogo vivo e flamejante, que reverbera e calcina todos os corpos.

20 Outro é o fogo da vela e da lâmpada, que fixa todos os corpos voláteis. Outro é o fogo de carvão, que cementa, colore e purga os metais das suas escórias, gradua mais altamente Sol e Luna, tira a brancura de Vênus e, numa palavra, renova todos os metais.

20.2 Outro é o fogo de uma lâmina de ferro incandescente, sobre a qual se provam as tinturas dos metais, e que também serve para outros fins. De outro modo produz calor a scobs (isto é, álcali) de ferro; de outro, a areia; de outro, as cinzas; de outro, o balneum maris, pelo qual se produzem muitas destilações, sublimações e coagulações.

20.3 De outro modo ainda opera o balneum roris, no qual se dão muitas soluções de coisas corpóreas. De outra forma, ainda, age o venter equinus, no qual se dão as principais putrefações e digestões; e de outro modo opera o fogo invisível, pelo qual entendemos os raios do sol, que também se mostra por meio de um espelho, ou lâmina de aço, ou cristal, e exibe a sua operação e efeito, fogo sobre o qual os antigos quase nada escreveram.

20.4 Por este fogo, de fato, os três princípios de qualquer substância corpórea podem ser separados sobre uma mesa. De tão maravilhosa virtude é este fogo que por meio dele os metais se liquefazem, e todas as coisas gordas e fluxíveis — na verdade, todas as coisas combustíveis — podem ser reduzidas a carvão e cinzas sobre uma mesa, e sem fogo.

21 Já que, pois, te apresentei e revelei os degraus da Arte Alquímica e os graus do fogo alquímico, mostrar-te-ei além disso, e descreverei em termos gerais, as diversas transmutações dos objetos naturais. Antes de tudo, deve-

se falar dos metais; em segundo lugar, das pedras; em terceiro, de vários objetos segundo a sua espécie.

21.2 A transmutação dos metais, pois, é o grande segredo da Natureza, e só com dificuldade se pode produzir, por causa dos muitos impedimentos e dificuldades. Contudo, não é contrária à Natureza nem à vontade de Deus, como muitos falsamente dizem.

21.3 Mas, para transmutar os cinco metais inferiores e mais vis, Vênus, Júpiter, Saturno, Marte e Mercúrio, nos dois metais perfeitos, Sol e Luna, é preciso ter a Pedra dos Filósofos.

21.4 Mas, como já desvelamos e descrevemos suficientemente, nos sete degraus, os segredos das Tinturas, não é necessário trabalhar mais sobre isso, mas antes contentar-se com o que escrevemos em outros livros sobre as Transmutações dos Metais.

22 Mas há outras transmutações de metais imperfeitos e impuros, como, por exemplo, de Marte em Vênus. Isso pode ser feito de diferentes maneiras: primeiro, se limalha de ferro for aquecida em água de vitríolo; ou, segundo, se lâminas de ferro forem cementadas com vitríolo calcinado; terceiro, se lâminas de ferro em brasa forem apagadas em óleo de vitríolo.

22.2 Destas três maneiras o ferro é transmutado no melhor cobre, natural e pesado, que, de fato, flui muito bem e tem o seu próprio peso tanto quanto qualquer cobre nativo. A limalha de ferro também pode ser reduzida e transmutada como que em chumbo, de modo que se torne completamente mole, como o chumbo nativo, mas não flui com facilidade.

22.3 Procede, pois, assim: toma alguma limalha de ferro e igual quantidade do melhor pó liquefativo. Mistura-os; põe-nos num tigillum numa fornalha de sopro, faz um fogo forte, não tanto que funda o ferro, mas

deixa-o estar como num cemento por uma hora inteira. Depois aumenta vigorosamente o fogo, para que o ferro fique em brasa e se funda.

22.4 Por fim, deixa o tigillum esfriar por si mesmo, e encontrarás no tigillum um régulo de chumbo, tão mole e dúctil quanto pode ser o chumbo nativo.

23 Mas, para transmutar Vênus em Saturno, procede assim: antes de tudo, sublima o cobre e reduze-o, por meio de arsênico fixo, a uma substância branca, tão branca como Luna. Depois granula-o. Disto, e de bom pó reduzido, toma a mesma quantidade; primeiro cementa e, por fim, verte no régulo, e terás o verdadeiro régulo de chumbo.

24 Por outro lado, é muito fácil converter o chumbo em cobre, e não se requer grande habilidade. Este é o processo: calcina lâminas de chumbo em vitríolo, ou estratifica-as com o crocus de Vênus, cementa e, por fim, liquefaz. Então verás tanto chumbo nativo quanto quiseres transmutado em cobre bom, pesado e dúctil.

25 Se, agora, tal cobre, ou qualquer outro cobre, for feito em lâminas e estratificado com túcia e calamina, cementado e, por fim, fundido, ele se muda numa esplêndida cor de âmbar ou vermelha, como o ouro.

26 Se quiseres mudar Saturno em Júpiter, toma lâminas de Saturno, estratifica-as com sal amoníaco, cementa e, por fim, funde, como acima. Assim toda a sua negrura e escuridão são tiradas do chumbo, e ele se torna, na brancura, como o melhor estanho inglês.

27 Assim como agora ouviste em breve um resumo de algumas transmutações de metais, sabe também a respeito das transmutações das gemas, que, de fato, são variadas e de modo algum semelhantes. Pois vês quão grande

transmutação de gemas se oculta no óleo de enxofre. Qualquer cristal pode ser tingido e transmutado nele e, com o correr do tempo, graduado com cores distintas, de modo a tornar-se como um jacinto granado ou um rubi.

28 Entende do mesmo modo a respeito do ímã. Ele pode ser transmutado em dez vezes o seu poder e virtude da seguinte maneira: toma um ímã e aquece-o nas brasas a tal ponto que fique a uma temperatura elevada, mas ainda não em brasa. Apaga-o imediatamente no óleo do crocus de Marte, que se faz do melhor aço da Caríntia, de modo que absorva quanto puder. Assim farás um ímã tão poderoso que com ele poderás arrancar os pregos de uma parede e fazer outras coisas maravilhosas que um ímã comum jamais poderia realizar.

29 Além disso, nas transmutações das gemas, deve-se saber que o mundo está situado nos dois graus da tintura e da coagulação. Pois, assim como a clara de ovo pode ser tingida com açafrão e depois coagulada num belo âmbar amarelo, com a tinta do pinheiro em âmbar negro, com o verdete em âmbar verde, como a pedra ciânea ou turquesa, com suco verde à semelhança de uma esmeralda, com lazúleo num âmbar cerúleo como a safira, com pau-brasil num âmbar vermelho como o jacinto granado ou o rubi, com uma cor púrpura como a ametista, ou com alvaiade feita semelhante ao alabastro — assim todos os outros licores, e especialmente os metais e minerais, podem ser tingidos com cores fixas, depois coagulados e transmutados em gemas.

30 Semelhantemente, também as pérolas podem ser feitas inteiramente iguais às verdadeiras na aparência, de modo que, pelo seu brilho e beleza, mal se podem distinguir das genuínas. Procede assim: purifica o mais pos-

sível a clara de ovos com uma esponja. Põe nela e mistura algum talco branco e belo, ou concha de pérola, ou Mercúrio coagulado com Júpiter e reduzido a álcool.

30.2 Ao mesmo tempo, pisa-o muito fino sobre mármore, de modo que se torne um amálgama espesso, que deve ser seco ao sol ou atrás de uma fornalha quente até ficar como queijo ou hepar. Por fim, desta massa faz quantas pérolas quiseres e prende-as em cerdas de porco. Tendo-as assim furado, seca-as como fizeste com o âmbar, e as terás preparado.

30.3 Se não brilharem o bastante, unta-as por fora com clara de ovo e seca-as de novo. Assim se tornarão belíssimas pérolas, semelhantes às verdadeiras na forma, embora não na virtude.

31 Quase do mesmo modo que as pérolas de que acabamos de falar, fazem-se os corais por aqueles que querem enganar as pessoas. Procede assim: pisa cinábrio com clara de ovos num almofariz de mármore durante uma hora. Depois seca-o como terra de oleiro. Então forma com isso pílulas ou pequenos ramos, como quiseres; por fim, seca-os bem e unta-os por fora, como fizeste com as pérolas, com clara de ovo. Seca-os de novo, e assim ficarão semelhantes ao coral nativo na aparência, mas não na virtude.

32 Deve-se saber também que a clara de ovos por si só pode ser coagulada num verniz finíssimo, e nessa coagulação se pode pôr Luna ou Sol.

33 Há muitas outras e variadas transmutações, das quais te direi brevemente, e de passagem, aquelas que conheço e com que fiz experiências. Primeiro, aprende que qualquer madeira, se num tempo determinado for posta na água do sal de uma gema, converte-se em pedra de um modo capaz de causar admiração. Assim também as pedras são transmutadas em carvões pelo fogo etneu, e estes se chamam carvão de pedra.

34 Do mesmo modo se faz cola dos couros, papel do trapo de linho, e produz-se seda a partir do linho com uma lixívia muito forte feita de cal e cinzas de pastel-dos-tintureiros. Se as partes penugentas forem tiradas das penas e tratadas com esta lixívia, podem ser fiadas e tecidas como o algodão. Qualquer óleo ou mucilagem espermática pode ser coagulado em verniz; qualquer licor, em goma. Todas estas são transmutações de objetos naturais; das quais já dissemos o bastante, e por isso escrevemos o nosso finis.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VIII. DAS SEPARAÇÕES DAS COISAS NATURAIS

✦

1 Na criação do mundo, a primeira separação começou pelos quatro elementos, quando a primeira matéria do mundo era um só caos. Desse caos Deus edificou o Mundo Maior, separado em quatro elementos distintos: Fogo, Ar, Água, Terra. O Fogo era a parte quente, o Ar apenas a fria, a Água a úmida e, por fim, a Terra era apenas a parte seca do Mundo Maior.

2 Ora, para que aprendas o nosso método neste Oitavo Livro do modo mais breve possível, deves saber que não nos propomos tratar aqui da Separação dos Elementos em todas as coisas naturais, visto que já ensinamos plena e perfeitamente esses arcanos na nossa Archidoxa, sobre as Separações dos Elementos.

2.2 Aqui tocamos somente na separação das coisas naturais, em que uma coisa é, isoladamente e por si, material e substancialmente separada e segregada, quando duas, três, quatro ou mais foram misturadas num só corpo e, contudo, só uma única matéria é tocada e vista.

2.3 E aqui acontece muitas vezes que uma matéria corpórea deste tipo não pode ser conhecida por ninguém, nem designada por um nome expresso, até que se institua o processo de separação. Então, às vezes, de uma única matéria procedem duas, três, quatro, cinco ou mais, como se torna evidente pela experiência diária na Alquimia.

2.4 Como exemplo para ti, há o electro, que por si não é um metal, mas ainda assim oculta todos os metais num só metal e corpo. Se este, pela arte alquímica, for anatomizado e separado, procedem dele todos os sete me-

tais, e estes puros e sem mistura, a saber: ouro, prata, cobre, estanho, chumbo, ferro, azougue etc.

3 Mas, para entender o que é a separação, deves saber que ela não é outra coisa senão a segregação de uma coisa de outra, quer duas, três, quatro ou mais tenham sido misturadas: refiro-me à segregação dos três princípios, como mercúrio, enxofre e sal, e à extração do puro do impuro, ou do espírito puro e nobre e da quintessência do corpo denso e elemental; e à preparação de duas, três, quatro ou mais a partir de uma; ou à dissolução e libertação de coisas ligadas e atadas entre si, que são por natureza adversas e perpetuamente agem uma contra a outra, e continuam a fazê-lo até que mutuamente se destruam.

4 Há muitos e variados modos de separação, nem todos conhecidos por nós; mas aqueles, entre os elementos naturais solúveis, que foram investigados por nós serão aqui expostos e descritos segundo as suas espécies.

5 A primeira Separação de que falamos deve começar pelo homem, já que ele é o Microcosmo, o mundo menor, e por sua causa foi fundado o Macrocosmo, o mundo maior, para que ele fosse o seu Separador. Mas a separação do Microcosmo começa pela morte. Pois na morte os dois corpos do homem se separam um do outro, a saber, o Celeste e o Terrestre, o Sacramental e o Elemental.

5.2 Um deles se eleva às alturas como uma águia; o outro afunda na terra como o chumbo. O corpo elemental se decompõe e é consumido. Torna-se um cadáver pútrido que, enterrado na terra, nunca mais sai nem aparece. Mas o corpo Sacramental, isto é, o corpo sideral e celeste, não se decompõe, não é enterrado, não ocupa lugar.

5.3 Este corpo aparece aos homens e é visto mesmo depois da morte. Daí temos os espectros, as visões e as aparições sobrenaturais. A partir destes a Arte Cabalística foi elaborada pelos antigos Magos, a qual é tratada mais extensamente nos livros sobre a Cabala.

5.4 Feita esta separação, pois, pela morte do homem, as três substâncias se separam uma da outra, a saber, o corpo, a alma e o espírito, cada uma seguindo para o seu próprio lugar, como para a arca de onde primeiramente saiu: o corpo para a terra, como primeira matéria dos elementos; a alma para a primeira matéria dos sacramentos; e, por fim, o espírito para a primeira matéria do caos aéreo.

6 O que agora foi dito sobre a separação do Microcosmo deve ser entendido também do mundo maior, que o poderoso oceano separou em três partes, de modo que o mundo universal está assim dividido em três porções: Europa, Ásia e África. Esta separação é uma espécie de prefiguração dos três princípios, porque também eles podem ser separados de toda coisa terrestre e elemental. Esses princípios são o Mercúrio, o Enxofre e o Sal. Destes três o mundo é edificado e composto.

7 Daqui se deve conhecer a separação dos metais das suas montanhas, isto é, a separação dos metais e minerais. Pela separação que neles se institui, muitas coisas saem de uma só matéria.

7.2 Vês que dos minerais saem metal, escórias, vidro, areia, pirita, marcassita, granito, cobalto, talco, cachimia, zinctum, bismuto, antimônio, litargírio, enxofre, vitríolo, verdete, crisocola, coeruleum ou lazulum, auripigmento, arsênico, realgar, cinábrio, argila refratária, spathus, gyphus, tripolis, terra vermelha e outras coisas semelhantes; e depois, de cada uma delas, a água, os óleos, as resinas, a cal ou cinza, o Mercúrio, o Enxofre, o Sal etc.

8 Os vegetais, na sua separação, dão águas, óleos, sucos, resinas, gomas, electuários, pós, cinzas, Mercúrio, Enxofre, Sal etc.

9 Os animais, na sua separação, dão água, sangue, carne, gordura, ossos, pele, corpo, pelos, Mercúrio, Enxofre, Sal etc.

10 Quem, portanto, se gaba de ser separador de tais coisas naturais precisa de longa experiência e perfeito conhecimento de todos os objetos naturais. Ademais, deve ser um alquimista hábil e experimentado, para saber o que é ou não combustível, o que é fixo e o que é volátil, o que entra ou não em fluxo, e que coisa é mais pesada que outra. Deve também ter investigado em cada objeto a sua cor natural, odor, acidez, austeridade, acrimônia, amargor, doçura, o seu grau, compleição e qualidade.

11 Ademais, é necessário conhecer os graus da separação, que consistem em destilação, resolução, putrefação, extração, calcinação, reverberação, sublimação, redução, coagulação, pulverização, lavação. Pela destilação, a água e o óleo são separados de todas as substâncias corpóreas.

11.2 Pela resolução, os metais são separados dos minerais, e um metal de outro, o sal e a gordura de outras coisas, e o leve é separado do mais pesado. Pela putrefação, o gordo é separado do magro, o puro do impuro, o decomposto do não decomposto. Pela extração, o puro é separado do impuro, o espírito e a quintessência do seu corpo, e a pérola do seu corpo denso.

11.3 Pela calcinação separam-se a umidade aquosa, a gordura, a cor natural, o odor e tudo o que de outro modo é combustível. Pela reverberação separam-se a cor, o odor, a inflamabilidade, toda umidade e aquosidade, a gordura, tudo, numa palavra, o que há na substância de fluxível ou inconstante, e assim por diante.

11.4 Pela sublimação separam-se um do outro o fixo e o volátil, o espiritual e o corpóreo, o puro do impuro, o Enxofre do Sal, o Mercúrio do Sal; e o resto. Pela redução, o fluxível é separado do sólido, o metal do seu minério, um metal de outro, o metal da cinza, o gordo do que não é gordo. Pela coagulação separa-se o úmido da mera umidade, a água da terra.

12 Pela pulverização separam-se um do outro o pó e a areia, as cinzas e a cal, o mineral da substância animal e vegetal. Todos os pós de peso desigual são separados pelo processo de jaculação, assim como a palha do trigo. Pela lavagem ou ablução separam-se as cinzas e a areia, o mineral do seu metal, a substância pesada da mais leve, a porção vegetal e animal da mineral, o Enxofre do Mercúrio e do Sal, o Sal do Mercúrio.

13 Mas agora, deixando de lado a mera teoria, aproximemo-nos da obra prática da separação e desçamos aos pormenores especiais. Deve-se notar que a separação dos metais é, com razão, a primeira de todas. Por esta razão, por conseguinte, trataremos dela primeiro.

14 Da separação dos metais dos seus minerais.

15 A separação dos metais dos seus minérios pode ser feita de muitas maneiras, por exemplo, por ebulição ou excocção, ou por liquefação com certos pós liquefativos, como sal de álcali, litargírio, sal fluxum, fel vitri, cinza, sal gemmae, salitre etc. Põe-nos num vaso ou prato e deixa-os liquefazer-se numa fornalha.

15.2 Então o metal, como régulo, descerá ao fundo do vaso, mas a matéria do mineral flutuará na superfície e se tornará cinza. Deves então trabalhar este régulo metálico numa fornalha por meio de um reverbério, até que todo o metal puro fique liberto, sem sujeira nem cinza alguma.

15.3 Deste modo o metal é inteiramente digerido e (por assim dizer) refinado ou purgado de toda a sua sujeira e escória. Minérios deste tipo às vezes contêm mais de um metal, como muitíssimas vezes acontece: por exemplo, cobre e prata, cobre e ouro, chumbo e prata, estanho e prata etc. podem ser encontrados num só minério; e o sinal desta circunstância se tornará visível se o régulo metálico, depois de tratado no reverbério, for resolvido numa pequena cuba da forma e modo apropriados.

15.4 Todos os metais imperfeitos nele contidos são separados, como cobre, ferro, estanho, chumbo, e assim se vão em fumaça junto com o chumbo (do qual se deve acrescentar o dobro da quantidade do régulo), e então só a prata fina e o ouro permanecem na cuba. Um resultado semelhante se obtém também se o rex metálico for liquefeito e vertido sobre os blocos.

16 Por esse método de fusão os metais misturados são separados. O que é melhor e mais pesado sempre afunda, enquanto o mais leve sobe por cima.

17 Dois ou três metais misturados podem também ser separados em água acre e forte, e um pode ser extraído do outro, e estendido e resolvido. Mas, se ambos os metais forem resolvidos juntos, um deles, nessa resolução, como areia ou cal, pode ser diverberado e precipitado com sal segundo o método habitual, e assim separado.

18 Além disso, os metais também podem ser separados por fluxão segundo o processo seguinte. Leva os metais a um estado de fluxo. Feito isto, lança para cada libra de metal uma onça do enxofre mais perfeitamente sublimado e refinado. Ali ele será queimado e, no decurso dessa operação, atrairá para si, à superfície, um metal, o mais leve, enquanto deixará o mais pesado no fundo.

18.2 Deixa-os assim até esfriarem. Então, num só régulo, encontrar-se-ão dois metais, não misturados como antes, mas opostos um ao outro, e separados pelo enxofre como por uma parede, assim como o óleo separa dois corpos de água, de modo que não possam juntar-se e misturar-se. Do mesmo modo age o enxofre com estes metais. O enxofre, portanto, é um arcano digno da mais alta estima.

19 Os metais voláteis e fugitivos, como o ouro e a prata, se hão de ser separados dos seus minerais, visto que não podem ser tratados nem no fogo nem com águas fortes, devem ser amalgamados, separados e extraídos por meio do Mercurius vivus. Depois, o Mercurius vivus deve ser retirado e separado da cal do ouro ou da prata pelo grau da destilação.

20 Desta maneira, também outros metais, como ouro, prata, cobre, ferro, estanho, chumbo, e substâncias preparadas a partir deles, como electro vermelho, magnésia branca, auricalco, cinzas de chumbo, latão, latão de fundição, parte com parte etc., e quaisquer metais transmutados deste tipo que existam, devem ser retirados e separados das suas substâncias estranhas por meio do Mercurius vivus. Pois esta é a natureza e qualidade do Mercurius vivus: amalgamar-se com os metais e unir-se inteiramente a eles, mas mais depressa ou mais devagar com um do que com outro, conforme o metal seja mais ou menos aparentado com a sua natureza.

21 Nesta escala o principal é o ouro fino, depois a prata fina, o terceiro o chumbo, o quarto o estanho, o quinto o cobre e o último o ferro. Assim, entre os metais transmutados, o primeiro é o parte com parte, depois as cinzas de chumbo, em seguida o latão, depois o latão de fundição, depois o metal vermelho e, por último, o branco.

21.2 O Mercúrio, por sua vez, não toma mais de um metal com o qual se amalgama. Depois, esse amálgama deve sempre ser vigorosamente espremido por meio de pele de cabra ou de um trapo de algodão, do qual se deve inserir uma tira, e por esse meio nada passará senão o Mercurius vivus sozinho.

21.3 O metal que foi atraído ficará na pele ou no trapo como cal, e podes depois reduzi-lo a corpo metálico, liquefazendo-o com sal de álcali ou alguma outra substância. Por este artifício o Mercurius vivus é separado de todos os metais mais depressa e comodamente do que pelo método da destilação.

21.4 Por este processo com o Mercurius vivus, nas mãos de um alquimista hábil e ativo, todos os metais podem ser extraídos e separados uns dos outros, por sua vez, depois da sua calcinação e pulverização.

21.5 Da mesma maneira, com muito pouco gasto de trabalho, também o estanho e o chumbo podem ser separados do cobre, ou de vasos de cobre, do ferro e do aço estanhados, e isto sem fogo nem água alguma, unicamente pelo amálgama do Mercurius vivus, como dissemos.

22 Além disso, a folha de ouro e de prata, assim como todo metal depois de moído ou pisado, e escrito com pena ou pincel sobre pano, pergaminho, papel, couro, madeira, pedra ou outro material, pode ser resolvido com o Mercurius vivus, mas de modo que depois o Mercurius vivus possa de novo ser separado e segregado desses metais.

23 A separação dos metais em aqua fortis, aqua regis e corrosivos fortes semelhantes faz-se da seguinte maneira: tome-se o metal que está misturado e unido a outro e reduza-se a lâminas muito finas ou a porções diminutíssi-

mas. Ponha-se num vaso de separação e verta-se sobre ele uma quantidade suficiente de água-forte comum.

23.2 Deixem-se estar, e macerem-se ambos até que todo o metal se resolva numa água transparente. Se for prata e contiver ouro, toda a prata se resolverá em água, enquanto o ouro será calcinado e descerá ao fundo em forma de areia negra. Por este método os dois metais, ouro e prata, serão separados.

23.3 Mas, se quiseres separar só a prata sem destilação, e levá-la ao fundo como areia negra, e trazê-la de volta à calcinação a partir do seu estado de resolução, põe nessa resolução uma pequena lâmina de cobre, e logo a prata afundará na água e ocupará o fundo do vaso de vidro como neve, ao passo que começará pouco a pouco a consumir a lâmina de cobre.

24 A separação da prata e do cobre por meio da água-forte comum faz-se da seguinte maneira: reduze o cobre que contém prata, ou a prata que contém cobre em si, a lâminas muito finas ou a grãos; põe-no num vaso de vidro e acrescenta quanta água-forte comum for necessária.

24.2 Deste modo a prata será calcinada e irá ao fundo em forma de cal branca, enquanto o cobre será resolvido e convertido em água transparente. Se esta água, junto com o cobre resolvido, for retirada da cal de prata através de um funil de vidro para outro vaso de vidro, então o cobre resolvido pode ser reverberado com água comum de chuva ou de rio, ou com água salgada quente, de modo que ocupe o fundo do vaso de vidro como areia.

25 A separação do ouro oculto de qualquer metal faz-se pelo grau da extração por meio da aqua regis; pois esta água não se aproxima para resolver nenhum metal senão o ouro fino somente.

26 Esta mesma aqua regis separa também o ouro fino das clenodia douradas. Se for passada sobre elas, remove e aparta o ouro.

27 Além disso, também dois metais misturados podem ser separados um do outro com um cemento pelo grau da reverberação, especialmente se não estão em grau semelhante de fixação, como o ferro e o cobre. Um metal que tem pouquíssima fixação, como o estanho e o chumbo, é completamente consumido no cemento pelo grau da reverberação. Quanto mais fixo é um metal, menos é afetado ou consumido pelo cemento.

28 Deve-se saber também que o ouro fino é o mais fixo e perfeito de todos os metais, e não pode ser consumido por nenhum cemento. Depois dele vem a prata fina. Mas, se o ouro e a prata forem misturados num só corpo, o que em geral se chama "parte com parte", ou se a prata contém ouro, ou o ouro prata, em si — se estas misturas, digo, forem cementadas e reverberadas juntas, então o ouro permanece sempre inteiro e inviolado, enquanto a prata é consumida pelo cemento e extraída do ouro fino; e assim o cobre da prata ou do ferro, ou o estanho do cobre e do ferro, ou o chumbo do estanho; e assim por diante, em ordem, com os outros.

29 Da separação dos minerais.

30 Até aqui explicamos a separação dos metais da sua terra e matéria, e de um metal de outro; e mostramos como se devia fazer, usando a maior brevidade compatível com a exatidão, e seguindo a arte alquímica e a experiência prática.

30.2 Agora, na sequência, será necessário também que tratemos daquelas coisas a partir das quais os metais crescem e são gerados, como são os três princípios, Mercúrio, Enxofre e Sal, e outros minerais, entre os quais se en-

contra a primeira essência dos metais, isto é, o espírito dos metais, como é evidente nas marcassitas, granitos, cachimias, talco vermelho, lazúrio e semelhantes.

30.3 Nestes a primeira essência do ouro é encontrada pelo grau da sublimação. Assim também na marcassita branca, no talco branco, no auripigmento, no arsênico, no litargírio etc. encontra-se a primeira essência da prata. No cobalto, no zinctum etc., a primeira essência do ferro. No zinctum, no vitríolo, no atramentum, no verdete etc., a primeira essência do cobre.

30.4 No zinctum, no bismuto etc., a primeira essência do estanho. No antimônio, no mínio etc., a primeira essência do chumbo. No cinábrio encontra-se a primeira essência da prata.

31 Sobre esta primeira essência deve-se saber que é um espírito fugitivo, que ainda existe em estado volátil, como uma criança jaz escondida no ventre de sua mãe. Às vezes se assemelha a um licor, às vezes a um álcool. Quem, portanto, deseja ter a essência primeira de qualquer corpo e separá-la precisa de grande experiência e conhecimento da Arte Espagírica.

32 Se não tiver trabalhado diligentemente na alquimia, de nada lhe valerá, e o seu trabalho será em vão. Como a primeira essência deve ser separada de todos os corpos minerais foi suficientemente explicado nos livros da Archidoxis, e não precisa ser repetido aqui.

32.2 Mas, quanto à separação dos minerais, deve-se notar que muitas coisas deste tipo são separadas por meio da sublimação, como o fixo do não fixo, os corpos espirituais e voláteis dos fixos, e assim por todas as divisões, como se detalha no caso dos metais. Com todos os minerais o processo é um e o mesmo, através de todos os graus, como ensina a Arte Espagírica.

33 Da separação dos vegetais.

34 A separação daquelas coisas que crescem da terra e são combustíveis, como frutos, ervas, flores, folhas, gramíneas, raízes, madeiras etc., também se dispõe de muitas maneiras. Pela destilação separa-se delas primeiro a phlegma, depois o Mercúrio, em seguida o óleo, em quarto lugar o seu enxofre e, por último, o seu sal. Quando todas estas separações são feitas segundo a Arte Espagírica, o resultado são medicamentos notáveis e excelentes, tanto para uso interno quanto externo.

35 Mas, como a preguiça cresceu a tal ponto entre os médicos, e todo trabalho e toda ocupação se voltam somente para a insolência, não me admiro, de fato, que preparações deste tipo sejam negligenciadas por toda parte e que os carvões estejam a preço tão baixo.

35.2 Se os ferreiros pudessem dispensar os carvões para forjar e moldar os metais tão facilmente quanto esses médicos os dispensam na preparação dos seus remédios, não há dúvida de que todos os carvoeiros já teriam sido reduzidos à extrema mendicância. Entretanto, exalto e adorno, com o elogio que lhes é justamente devido, os médicos espagíricos.

35.3 Estes não se entregam à comodidade e à ociosidade, pavoneando-se com passo altivo, vestidos de seda, com anéis ostensivamente exibidos nos dedos, ou punhais prateados presos aos quadris, e luvas finas nas mãos. Mas dedicam-se diligentemente aos seus trabalhos, suando noites e dias inteiros diante de fornalhas ardentes.

35.4 Estes não matam o tempo com conversa vazia, mas encontram o seu deleite no laboratório. Vestem roupas de couro e usam um cinto para limpar as mãos. Põem os dedos entre os carvões, o luto e o esterco, e não em

anéis de ouro. Como ferreiros e carvoeiros, são fuliginosos e sujos, e não olham com orgulho e semblante polido. Diante dos doentes não tagarelam nem gabam os seus próprios remédios.

36 Percebem que a obra deve glorificar o obreiro, e não o obreiro a obra, e que belas palavras pouco adiantam para curar os doentes. Deixando de lado todas estas vaidades, portanto, alegram-se em ocupar-se junto ao fogo e em aprender os degraus do conhecimento alquímico. Desta classe são: Destilação, Resolução, Putrefação, Extração, Calcinação, Reverberação, Sublimação, Fixação, Separação, Redução, Coagulação, Tintura e semelhantes.

37 Mas como todas estas separações se fazem segundo a Arte Espagírica e Alquímica com o auxílio de graus distintos já foi dito antes em geral, e repetir aqui de novo a mesma coisa é vão. Para passar aos casos particulares e explicar brevemente o método prático, saiba-se que nem tudo pode ser separado por um único e mesmo processo; isto é, a água, o espírito, o licor, o óleo etc., das ervas, flores, sementes, folhas, raízes, árvores, frutos, madeiras, segundo o grau da destilação.

38 As ervas requerem um processo, as flores outro, as sementes outro, as folhas outro, as raízes outro, as árvores, hastes e troncos outro, os frutos outro, as madeiras outro etc. E neste grau da destilação devem ser considerados os quatro graus do fogo. O primeiro grau do fogo é o Balneum Mariae. Esta é a destilação feita em água.

38.2 O segundo grau do fogo é a destilação feita em cinzas. O terceiro é em areia, o quarto em fogo livre, como também geralmente se faz a destilação da aqua fortis e de outras águas violentas. As ervas, flores, sementes e

semelhantes requerem o primeiro grau do fogo. As folhas, frutos etc. precisam do segundo. As raízes, ramos e troncos de árvores etc. requerem o terceiro.

38.3 A madeira de lei e semelhantes requerem o quarto. Cada uma destas substâncias deve ser cortada miudamente ou pisada antes de ser levada ao alambique. Isto basta quanto à destilação das águas e das substâncias vegetais.

38.4 Quanto à separação e destilação dos óleos, deve-se seguir o mesmo processo de que falamos na separação das águas, exceto que, na maior parte, eles têm de ser destilados por descenso. Não podem, como as águas, subir no alambique; por isso, neste caso, o processo tem de ser mudado.

38.5 Os licores, contudo, não se separam como as águas e os óleos, pela destilação, mas são espremidos das suas substâncias corpóreas numa prensa.

39 E aqui se deve saber que alguns óleos, do mesmo modo que os licores, são espremidos das suas substâncias corpóreas e separados por meio da prensa pela razão de que mal podem suportar combustão ou calor do fogo, mas adquirem dele um odor desagradável. Deste tipo são os óleos de amêndoas, de nozes, de ovos cozidos e semelhantes.

39.2 Também se deve notar que todos os óleos, se forem preparados ou coagulados segundo a Arte Espagírica e Alquímica, dão verniz, electuário, goma ou uma espécie de resina, que também se poderia chamar enxofre; e, se as espécies deixadas no alambique forem calcinadas e reduzidas a cinzas, poder-se-ia extrair e separar delas o álcali apenas com água morna simples. A cinza que resta chama-se terra morta, e nada mais se pode produzir ou separar dela.

40 Da separação dos animais. É necessário fazer preceder a separação ou anatomia dos animais mostrando como o sangue, a carne, os ossos, a pele, os intestinos etc. estão cada um por si, e depois como cada um é separado pela Arte Espagírica. Nesta parte as separações são principalmente quatro. A primeira extrai do sangue uma umidade aquosa e fleumática.

40.2 Pois, quando o sangue foi separado desta maneira, segundo o processo transmitido no livro sobre as Conservações, sai uma excelente Mumia, e um específico tão potente que qualquer ferida recente pode ser curada e consolidada em vinte e quatro horas com uma só ligadura.

41 A segunda separação é a da gordura da carne. Separada esta gordura da carne humana, produz-se um bálsamo excelentíssimo, que acalma as dores da gota, da contração e outras de natureza semelhante, se os membros afetados forem untados com ele enquanto quente. É também útil para os tendões convulsos das mãos ou dos pés, se forem untados com ele diariamente. Ademais, cura a sarna e todas as espécies de lepra. Este, portanto, é o principal específico cirúrgico, e da mais alta eficácia em todos os acidentes e feridas.

42 A terceira separação é a da umidade aquosa e fleumática com a gordura extraída dos ossos. Pois, se estas duas forem separadas dos ossos humanos pela Arte Espagírica, e segundo o grau da destilação, e se, além disso, pelo método da calcinação, os ossos forem reduzidos ou queimados a uma cinza branca, e se, por fim, estas três coisas forem de novo unidas da maneira apropriada, de modo que fiquem como butyrus, formar-se-á um arcano e específico maravilhoso, com o qual poderás, sem dor, curar completamente

qualquer fratura dos ossos depois de enfaixá-los apenas três vezes, contanto que trates a fratura recompondo-a segundo as regras da ciência cirúrgica e depois apliques o específico em forma de emplastro.

42.2 O mesmo cura também completamente as feridas do crânio, ou qualquer contusão dos ossos, no menor tempo possível.

43 A quarta e última separação é a das resinas e gomas da pele, dos intestinos e dos tendões. Pois a resina é extraída e separada destes pelo grau da extração segundo a Arte Espagírica e, quando coagulada aos raios do sol, sai como uma pasta clara e transparente.

43.2 Quando esta pasta foi preparada, extraída e separada do corpo humano segundo o método prescrito, sai dela um excelentíssimo arcano e específico estíptico, com o qual uma ferida ou úlcera pode ser rapidamente curada e os seus lábios unidos, assim como duas folhas de papel se colam com grude, se apenas aplicares à ferida duas ou três gotas daquela substância resolvida.

43.3 Este arcano é também de singular eficácia para queimaduras e para a queda ou aspereza das unhas, se for espalhado sobre elas com uma pena. Deste modo a carne nua será coberta com uma cutícula.

44 Muitas outras separações, de uma coisa ou de outra, também poderiam ser relatadas aqui; mas, como já as mencionamos em outros lugares, seria em vão repeti-las ociosamente agora.

45 Aqui só é necessário escrever aquilo que não mencionamos em outra parte.

46 Mas, por fim, no término de todas as coisas terrenas, realizar-se-á a separação final, na terceira geração, naquele grande dia em que o Filho de Deus virá na sua majestade e glória, e diante dele serão levados não espadas, cadeias, diademas, cetros e tesouros, ou outras joias reais com que príncipes, reis e Césares se ostentam pomposamente, mas a sua Cruz, e a coroa de espinhos, e os cravos que traspassaram as suas mãos e os seus pés, e a lança com que foi ferido o seu lado, e a cana e a esponja em que lhe estenderam o que lhe deram a beber, e as varas com que foi flagelado e espancado. Nenhuma multidão de cavaleiros com tambores de som longínquo o acompanhará; mas as quatro trombetas serão tocadas pelos anjos para as quatro partes da terra e, ao seu tremendo som, todos os que estiverem entre os vivos serão mortos, e estes, juntamente com os mortos sepultados, ressuscitarão imediatamente.

47 Pois ouvir-se-á uma voz: "Levantai-vos, mortos, e vinde ao juízo!" Então os Doze Apóstolos se sentarão em tronos preparados das nuvens e julgarão as doze famílias de Israel. Naquele lugar os Santos Anjos separarão os maus dos bons, os malditos dos benditos, os bodes das ovelhas.

47.2 Então os malditos serão lançados abaixo como pedras e como chumbo; mas os benditos voarão como águias. Então, do tribunal de Deus sairá uma voz para os que estiverem à esquerda: "Apartai-vos, malditos, para o fogo eterno, preparado desde a eternidade para Satanás e os diabos. Pois tive fome e não me alimentastes; tive sede e não me destes de beber; estive doente, e preso, e nu, mas não me visitastes, não me libertastes, não me vestistes. Numa palavra, não vos compadecestes de mim. Por isso, aqui não encontrareis compaixão!"

47.3 Ao contrário, aos que estiverem do lado direito dirá assim: "Vinde, benditos e eleitos, para o Reino de meu Pai, que desde o princípio foi preparado para vós e para todos os anjos. Pois tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era estrangeiro e me acolhestes; estava nu e me vestistes; estive doente e me visitastes; estive na prisão e viestes a mim. Assim também eu vos receberei na casa de meu Pai, na qual estão as muitas moradas dos santos. Compadecestes-vos de mim; e assim eu me compadecerei de vós!"

48 Quando todas estas coisas estiverem acabadas e cumpridas, todos os sujeitos elementares retornarão à primeira matéria dos elementos, e serão revolvidos por toda a eternidade, mas nunca consumidos. Ao contrário, todas as criaturas sacramentais retornarão à matéria primeira dos sacramentos, isto é, serão glorificadas e, em alegria eterna, adorarão a Deus, seu Criador, de universo em universo, de eternidade em eternidade. Amém.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IX. DA ASSINATURA DAS COISAS NATURAIS

✦

1 Neste livro, como quem se dispõe a filosofar, nossa primeira tarefa é tratar da assinatura das coisas: expor, por exemplo, como são assinaladas, que signador existe e quantos sinais se contam. Saiba-se, antes de tudo, que os sinais são de três tipos. As primeiras coisas assinaladas, o homem as assinala; as segundas, o Arqueu; as terceiras, as Estrelas dos Sobrenaturais.

1.2 Desse modo, existem apenas três signadores: o Homem, o Arqueu e as Estrelas. Deve-se notar, além disso, que os sinais assinalados pelo homem trazem consigo o perfeito conhecimento e juízo das coisas ocultas, bem como a familiaridade com seus poderes e faculdades escondidas.

2 Os sinais das estrelas dão profecias e presságios. Indicam a força das coisas sobrenaturais e oferecem juízos e revelações verdadeiros na geomancia, quiromancia, hidromancia, piromancia, necromancia, astronomia, na arte berilística e em outras ciências astrais.

3 Ora, para explicarmos todos os sinais da maneira mais correta e breve possível, é necessário, acima de tudo, apresentarmos aqueles dos quais o homem é o signador. Compreendidos estes, você alcançará com mais acerto os outros, sejam naturais ou sobrenaturais. Por exemplo, sabe-se que os judeus usam um sinal amarelo no manto ou no casaco.

3.2 Que é isso senão um sinal pelo qual qualquer um que o encontre pode entender que ele é judeu? Assim também o lictor é reconhecido por sua túnica ou braçadeira de várias cores. Assim também toda magistratura

adorna seus ministros com suas cores e ornamentos próprios.

4 O artesão marca sua obra com seu sinal particular, para que todos entendam quem a produziu. Com que propósito o mensageiro leva na roupa a insígnia de seu senhor ou de sua cidade, senão para que fique claro que é um mensageiro, que serve a este ou àquele, que vem deste ou daquele lugar, e assim obtenha para si passagem segura?

5 Assim também o soldado leva um sinal ou símbolo, preto, branco, verde, azul ou vermelho, para se distinguir do inimigo. Por isso se sabe que um está do lado de César, ou dos reis; que um é italiano, outro gaulês etc. Esses são sinais que se referem à posição e ao ofício, e muitos outros poderiam ser enumerados. Mas, como nos propusemos a descrever outros sinais das coisas naturais e sobrenaturais, não sobrecarregaremos nosso livro com os sinais alheios ao nosso propósito.

6 É necessário explicar com mais clareza os sinais que o homem afixa e que levam ao conhecimento não só da posição, do ofício ou do nome, mas também do discernimento, da inteligência, da idade, da dignidade e do grau. Em seguida, quanto ao dinheiro, convém lembrar que toda moeda leva sua prova e seu sinal, pelo qual se pode saber quanto ela vale, a que poder pertence, onde circula e é aceita. Aqui cabe o provérbio alemão: “Em nenhum lugar o dinheiro é mais bem aceito do que onde é cunhado.”

7 O mesmo se deve entender dos sinais costumeiros afixados pelos jurados e pelos designados para isso, depois de feita a devida inspeção. Um exemplo disso se acha nos panos marcados com sinais distintivos, pelos quais se pode saber que, examinados, foram considerados bons e genuínos. Por que

se apõe um selo às cartas, senão para que haja uma certa força que ninguém ouse violar? O selo é a confirmação da carta, que lhe dá autoridade entre os homens e nos julgamentos. Um recibo sem selo é morto, inútil, vazio.

8 Da mesma maneira, com poucas letras, nomes ou palavras, muitas coisas são designadas, como os livros que, embora tragam por fora uma só palavra, desse modo significam seu conteúdo.

9 Tal é também a condição dos vasos e caixas das boticas, todos distinguidos por nomes ou rótulos próprios afixados neles. Se isso não se fizesse, quem poderia distinguir uns dos outros entre tantas águas, licores, xaropes, óleos, pós, sementes, unguentos e coisas semelhantes?

9.2 Do mesmo modo, o alquimista em seu laboratório marca com seus nomes e rótulos próprios todas as águas, licores, espíritos, óleos, fleumas, crocos, álcalis, pós, e depois todas as diferentes espécies destes, uma a uma, para poder escolher entre eles o que quiser. Sem essa precaução, é impossível lembrar-se de cada um separadamente.

10 Assim também os aposentos e edifícios construídos pelos homens podem ser assinalados com um número, de modo que a idade de qualquer um deles possa ser conhecida ao primeiro olhar sobre o número afixado.

11 Decidi expor-lhe estes sinais para que, uma vez dominados, eu pudesse ser mais facilmente compreendido no restante, e o significado de cada coisa ficasse mais claro e evidente.

12 Dos sinais monstruosos nos homens.

13 Muitos homens vêm à luz deformados por sinais monstruosos. Um tem um dedo a mais, outro um dedo a menos, e o mesmo pode acontecer com os dedos dos pés. Outro traz do ventre um pé, um braço, as costas ou outro

membro torto; outro tem as costas fracas ou corcundas.

13.2 Assim também nascem hermafroditas, andróginos, isto é, homens que possuem ambas as partes pudendas, masculinas e femininas, e às vezes carecem de ambas. De sinais monstruosos como esses observei muitos, tanto em homens como em mulheres, e todos devem ser considerados sinais monstruosos de pecados secretos dos pais.

13.3 Daí surgiu o velho provérbio: "Quanto mais torto, mais perverso"; e ainda: "membros coxos, obras coxas." Esses são sinais de vícios e raramente denotam algo bom.

14 Assim como o carrasco marca seus filhos com sinais degradantes, também os maus pais marcam sua prole com sinais sobrenaturais nocivos, para que as pessoas sejam mais cautelosas ao verem o exemplo de homens perversos que levam os estigmas na testa ou nas faces, ou em orelhas, dedos, mãos, olhos ou línguas defeituosos.

15 Cada um desses sinais de infâmia designa algum vício particular. Se há um estigma marcado a ferro no rosto de uma mulher, ou se as orelhas foram cortadas, isso indica, na maioria das vezes, roubo. A perda de dedos denuncia jogadores trapaceiros. A perda de uma mão indica violadores da paz. A de dois dedos aponta o perjúrio.

15.2 A perda de um olho indica que a pessoa se dedica a crimes astutos e sutis. O corte da língua designa blasfemos e caluniadores. Assim você pode reconhecer os chamados mamelucos, ou renegados da religião cristã, por uma cruz marcada a ferro no calcanhar, porque negaram Cristo, seu Redentor.

16 Mas deixemos esses assuntos e voltemos aos sinais monstruosos produzidos por pais perversos. Deve-se saber que nem todos os sinais monstruosos são produzidos apenas pelo progenitor, mas muitas vezes também pelas estrelas da mente humana, que perpetuamente, a todo momento, com a Fantasia, a Estimativa ou a Imaginação, nascem e se põem, tal como no firmamento lá em cima.

16.2 Por isso, pelo medo ou susto das grávidas, nascem muitos monstros, ou crianças assinaladas com marcas de monstruosidade no ventre da mãe. A causa primária dessas coisas é o alarme, o terror ou o desejo, pelos quais a imaginação é despertada.

16.3 Se a mulher grávida começa a imaginar, seu seio é levado em movimento circular como o firmamento superior, cada movimento nascendo ou se pondo. Pois, como no caso do firmamento maior, as estrelas do microcosmo também se movem pela imaginação, até que sobrevém uma espécie de salto, no qual as estrelas da imaginação produzem uma influência e uma impressão na mulher grávida, como quando se imprime um selo ou se cunha uma moeda.

16.4 Por isso os sinais e marcas de nascença derivados das estrelas inferiores são chamados “impressões”. Sobre esses assuntos muitos homens filosofaram e tentaram formar um juízo sólido, sem conseguir. Pois essas coisas aderem ao feto e nele se imprimem na medida em que as estrelas da mãe o pressionam com frequência ou com violência, ou em que o desejo da mãe não é satisfeito.

17 Se a mãe, por exemplo, deseja este ou aquele alimento e não consegue obtê-lo, as estrelas ficam como que sufocadas em si mesmas e perecem. Esse desejo permanece com a criança por nascer durante toda a vida, de modo

que é impossível satisfazê-lo algum dia. A mesma razão explica também outras coisas, que não devemos discutir aqui demasiado longamente.

18 Dos sinais astrais na fisiognomia do homem.

19 Os sinais da fisiognomia têm sua origem nas estrelas superiores. Esta ciência da fisiognomia era tida na mais alta estima por nossos antepassados, e em primeiro lugar pelos pagãos, tártaros, turcos e outros, cujo costume é vender homens e escravos; nem se perdeu de todo entre os cristãos.

19.2 Muitos erros, porém, ainda não percebidos por ninguém, infiltraram-se nela quando todo tolo e todo grosseirão se pôs a julgar de improviso sobre tudo. É de admirar que esses erros não tenham sido descobertos pelas más ações e pelos poderes limitados dos próprios homens.

20 Ora, se alguém neste ponto argumentar contra nós, dizendo: "Os sinais da fisiognomia vêm das estrelas, mas ninguém tem o poder de compelir ou impelir as estrelas", não fala mal. Contudo, é preciso notar desde o início esta diferença: as estrelas compelem um e não compelem outro. Deve-se saber quem é que pode governar e coagir as estrelas, e também quem é governado por elas.

20.2 O sábio pode dominar as estrelas e não está sujeito a elas. Pelo contrário, as estrelas estão sujeitas ao sábio e são forçadas a obedecê-lo, e não ele às estrelas.

20.3 As estrelas compelem e coagem o homem animal, de modo que aonde elas o levam ele tem de ir, como o ladrão vai para a forca, o salteador para a roda, o pescador para os peixes, o passarinheiro para as aves e o caçador para as feras.

20.4 Que outra razão há para isso, senão que o homem não conhece nem avalia a si mesmo e a seus próprios poderes, nem reflete que é um universo menor e tem todo o firmamento com seus poderes escondido dentro de si?

20.5 Assim o homem é chamado animal, insensato e escravo de todas as coisas terrenas, quando, no entanto, recebeu de Deus no Paraíso o privilégio de governar e dominar todas as outras criaturas, e não de obedecer-lhes. Por isso Deus criou o homem por último, quando todas as outras coisas já tinham sido feitas antes dele. Esse direito foi depois perdido pela Queda.

20.6 Porém, a sabedoria do homem não se tornou servil, nem ele perdeu sua liberdade. É justo, pois, que as estrelas o sigam e lhe obedeçam, e não ele às estrelas.

21 E, embora ele seja filho de Saturno, e Saturno seja seu genitor, ainda assim pode afastar-se dele e vencê-lo de tal modo que se torne filho do Sol, e pode assim sujeitar-se a outro planeta e fazer-se filho dele. Acontece-lhe mais ou menos o mesmo que ao mineiro que por muito tempo alugou seu trabalho ao dono das minas e cuidou de seu setor com retidão, arriscando a vida.

21.2 Por fim, ele assim discorre consigo: "Vais passar toda a vida debaixo da terra, arriscando teu corpo, e até tua própria existência, em trabalhos contínuos? Buscarei libertar-me de meu senhor e seguirei outro, onde minha vida corra agradável, onde terei comida e bebida em abundância, onde minhas roupas possam brilhar, onde me deem pouco trabalho e muita recompensa, e onde eu não seja oprimido pela montanha suspensa sobre mim."

21.3 Desse modo ele pode fazer-se senhor, quando de outra forma permaneceria a vida inteira escravo e mercenário, definhando em trabalho duro e comida escassa.

22 Além disso, assim como você já percebeu que o homem governa as estrelas e pode libertar-se de um planeta maligno e sujeitar-se a outro melhor, passar da escravidão à liberdade pela virtude e resgatar-se da prisão de um planeta mau, assim também o homem animal, filho do Sol, de Júpiter, de Vênus ou de Mercúrio, pode afastar-se desse planeta benigno e sujeitar-se a Saturno ou a Marte.

22.2 Esse homem é como aquele que, fugindo de uma comunidade de religiosos, cansado de sua vida branda, se torna soldado, ou de outro modo homem sem estima, que depois tem de passar toda a vida em dor e aflição.

22.3 Tal é também o rico que, por pura leviandade, desperdiça injustamente todos os seus bens no jogo, nos banquetes, nas más companhias, até que por fim, gasto tudo, cai na necessidade e, em mísero conflito com uma pobreza vergonhosa, merecidamente desperta riso e desprezo em todos, de modo que se ouve até dos meninos nas ruas: “Olhe aquele homem imprestável, que, podendo ser senhor, desprezou o domínio e preferiu ser escravo, mendigo, servo dos servos, de modo que agora nem pode aspirar ao seu domínio.”

22.4 Foi a isso que uma má estrela ou um mau genitor o levou. Se não tivesse sido tolo e perverso, não teria deixado às estrelas um domínio tão incontestado sobre si, mas teria lutado contra elas.

23 E, ainda que por si mesmo não soubesse lutar contra suas estrelas, poderia ter voltado a mente para o exemplo de outros homens, pensando assim consigo: “Veja como este homem era rico; mas, por empreendimentos tolos

e vergonhosos, mergulhou na pura pobreza!"

23.2 E ainda: "Este ou aquele homem vivia esplendidamente e sem grande trabalho corporal; mas, embora tivesse boa comida e farto salário, não soube suportar sua boa sorte. Agora tem de viver frugal e miseravelmente. Em vez de vinho, tem de beber água, e, enquanto seu trabalho diário aumenta, sua renda diminui." Quantas vezes tal homem tem de dizer a si mesmo: "Que fiz eu? Como me lancei de cabeça ao desperdiçar prodigamente os bens que tinha juntado e adquirido? Quem os devolverá a mim?

23.3 Se eu ao menos pudesse recuperar o que perdi, começaria um modo de vida bem diferente, e assim aprenderia a sabedoria com minha própria perda, e compensaria minhas más ações com um conselho mais sábio para o futuro." Mas é bom saber que ninguém se torna sábio com a própria perda. Quem é sábio aprendeu a sabedoria com a perda alheia, não com a sua.

23.4 Quem desperdiçou seus bens uma vez os desperdiçará de novo. Quem perece uma vez perece outra vez. Quem uma vez lança os dados os lançará de novo. O homem que uma vez roubou e escapou da forca tenta roubar uma segunda vez. E assim pensa consigo: "Meu empreendimento deu certo uma e outra vez; por que não daria certo uma terceira e uma quarta vez?

24 Se Deus uma vez restituiu o que tinha perecido, Ele o restituirá uma segunda e uma terceira vez. Se em minha primeira miséria não fui abandonado, não o serei na segunda nem na terceira." Tudo isso faz o homem animal, servo e escravo das estrelas, que é levado de um lado para o outro pelas estrelas como um junco nas águas.

24.2 Esta é a razão por que tem de passar a vida na miséria e assim morrer na desonra. Quem, pois, suportaria uma escravidão tão vergonhosa e não se livraria de prisão tão imunda? Pois, empregando sua própria sabedoria, e com a ajuda de sua estrela, qualquer um pode libertar-se.

24.3 Considere a coisa assim: um passarinheiro, confiando em sua própria prudência e, com a assistência de sua estrela, vencendo outra estrela, não precisa perseguir as aves, pois as aves o seguirão e, ainda que sua natureza se rebele, voarão juntas para lugares desacostumados.

24.4 Do mesmo modo, ao pescador tranquilo que confia em sua sabedoria os peixes virão nadando por si mesmos, de modo que ele pode apanhá-los com as mãos. O caçador que exerce sua sabedoria por meio de sua estrela reúne as feras de tal modo que não precisa persegui-las; elas o perseguem, contra a direção e o impulso da Natureza. E assim também com outros seres vivos.

25 Para compreender essas coisas, deve-se lembrar que as estrelas são de dois tipos, terrestres e celestes. As primeiras pertencem à loucura, as segundas à sabedoria. E, como há dois mundos, o menor e o maior, e o menor governa o maior, assim também a Estrela do Microcosmo governa e subjuga a estrela celeste.

25.2 Deus não criou os planetas e as estrelas com a intenção de que dominassem o homem, mas para que, como as outras criaturas, lhe obedecessem e o servissem. E, embora as estrelas superiores deem a inclinação e, por assim dizer, assinalem o homem e os outros corpos terrenos conforme o modo de seu nascimento, esse poder e esse domínio nada são senão um mandato e ofício predestinado, no qual não resta nada oculto ou abstruso, mas a força e o poder interiores se manifestam pelos sinais externos.

26 Mas, voltando à nossa proposição sobre os sinais físicos dos homens, saiba que são de dois tipos, semelhantes na forma exterior, mas diferentes em poder e efeito. Uns vêm das estrelas superiores do céu; outros, das estrelas inferiores do microcosmo. Toda estrela superior assinala conforme o nascimento até a meia-idade.

26.2 Essa assinatura é predestinada e não carece de força própria. É atestada pela natureza e pela condição de vida do homem. Mas tudo o que a estrela inferior do microcosmo assinala desde o nascimento tem origem no pai e na mãe, sempre que a mãe, por sua imaginação ou desejo, seu medo ou pavor, afeta a criança por nascer em seu corpo com sinais sobrenaturais, por meio de seu estreito contato.

26.3 Estas são chamadas marcas maternas, ou marcas uterinas. Já falamos delas antes e nos poupamos o trabalho de repetir, pois nosso propósito é tratar apenas dos sinais fisiognômicos, entre os quais entendemos aqueles sinais dos homens semelhantes aos quais nem o pai nem a mãe trouxeram no corpo.

26.4 Desta classe são os olhos negros ou cinzentos, pequenos ou grandes demais; o nariz longo, torto ou pontiagudo; as covas nas mandíbulas, as maçãs do rosto altas, o nariz achatado ou largo, as orelhas pequenas ou grandes, o pescoço longo, o rosto oblongo, a boca grande e caída; o cabelo grosso ou fino, abundante ou escasso, preto, amarelo ou ruivo etc.

26.5 Desses sinais, se um ou mais aparecem num homem, tenha certeza de que não lhe faltarão as qualidades por eles significadas.

27 Somente você deve julgá-los segundo as regras da fisiognomia e ter experiência na arte da assinatura, segundo a qual pode julgar um homem por seus sinais exteriores.

28 Descendo, pois, à parte prática de nosso assunto, repitamos alguns desses sinais e seu significado.

29 Os olhos negros não só denotam uma constituição saudável, mas também, na maioria das vezes, uma mente constante, livre de dúvida e medo, sã e vigorosa, sincera e amante da virtude.

30 Os olhos cinzentos são sinal de um homem astuto, ambíguo e inconstante. Os olhos fracos denotam bons conselhos, deliberações hábeis e profundas, e assim por diante. Os olhos brilhantes, que se voltam para cima, para baixo e para os dois lados, denotam um homem falso e esperto, que não se deixa enganar, infiel, que foge do trabalho, deseja o ócio e procura ganhar a vida na preguiça, pelo jogo, pela usura, pela impureza, pelo roubo e coisas semelhantes.

31 Os olhos pequenos, um tanto fundos, indicam vista fraca e muitas vezes cegueira iminente na velhice. Ao mesmo tempo, denotam homens valentes, belicosos, astutos e hábeis, facciosos, capazes de suportar o infortúnio, e cuja saída da vida é, na maioria das vezes, de caráter trágico.

32 Os olhos grandes denotam um homem cobiçoso e voraz, especialmente se saltam muito para fora da cabeça.

33 Os olhos que piscam constantemente indicam vista fraca, um homem tímido e cuidadoso. Os olhos que se movem rapidamente para cá e para lá sob o olhar dos homens indicam um coração amoroso, previdente e de rápida invenção.

34 Os olhos continuamente baixos mostram um homem reverente e modesto.

35 Os olhos vermelhos mostram um homem ousado e valente.

36 Os olhos cintilantes, que não se movem facilmente, apontam um herói, um homem magnânimo, valente, rápido, temível para seus inimigos.

37 As orelhas grandes indicam boa audição, memória retentiva, atenção, diligência, cérebro e cabeça saudáveis.

38 As orelhas achatadas são mau sinal. Na maioria das vezes apontam um homem malicioso, fraudulento e injusto. Indicam má audição, memória traiçoeira e um homem que se expõe facilmente ao perigo.

39 O nariz longo e curvado para baixo é bom sinal. Denota um homem esforçado, previdente, reservado e cruel, mas ainda assim justo.

40 O nariz achatado indica um homem maligno, falso, lascivo, mentiroso, inconstante.

41 O nariz pontiagudo indica uma pessoa volúvel, dada à zombaria.

42 O nariz longo mostra um homem lento nos negócios, mas de bom faro.

43 As faces encovadas denotam uma pessoa tagarela, desdenhosa e briguenta.

44 O queixo oblongo, com rosto comprido, mostra um homem irritável, lento em seu trabalho.

45 O queixo partido mostra um homem fiel, prestativo, de fala abstrusa e variada; homem que diz uma coisa e pensa outra; rápido na ira, mas que se arrepende de sua paixão; engenhoso e inventivo.

46 A boca grande e larga mostra um homem glutão, insípido, fátuo, desavergonhado e destemido. A boca pequena indica o contrário.

47 Os lábios cerrados, quando o superior é maior que o inferior, mostram um homem irritável, briguento, corajoso; mas, na maioria das vezes, de caráter pesado e impudico, como um porco.

48 Os lábios maiores embaixo mostram uma pessoa obtusa, estúpida e lenta.

49 Quanto aos cabelos da cabeça ou à barba, os sinais não são muito claros, pois a experiência nos ensina que podem ser maravilhosamente variados, conforme sejam pretos, amarelos, ruivos ou brancos, grisalhos ou encaracolados. Assim também o cabelo se torna macio ou duro conforme o desejo das pessoas.

49.2 Daí vem que muitas pessoas, aliás bem versadas na ciência fisiognômica, se enganam lamentavelmente quando julgam precipitadamente pelo cabelo, imputando às estrelas o que antes deveria ser atribuído aos homens. Ainda assim, não se pode negar que o cabelo firmemente preso à cabeça mostra boa saúde, tanto da cabeça como de todo o corpo.

49.3 É por isso que os que compram cavalos lhes puxam a cauda para julgar de sua sanidade. Assim os porcos são julgados pelas cerdas, os peixes pelas barbatanas e escamas, a ave pelas penas, e assim por diante.

50 Se o pescoço é extraordinariamente longo, ultrapassando os limites da Natureza, denota um homem cuidadoso, prudente e atento.

51 Ombros e costas largos mostram um homem forte para carregar e mover coisas. Braços musculosos também mostram um homem forte e robusto para bater, empurrar, arremessar e coisas semelhantes.

52 Mãos duras revelam um homem trabalhador e mercenário; mãos macias, o contrário.

53 Corpo curto e pernas longas denotam um bom corredor, que facilmente se satisfaz com comida e bebida, mas geralmente um homem de vida um tanto curta.

54 Veias grandes e visíveis num homem abaixo da meia-idade significam que ele está cheio de sangue e de humores corporais; mas acima da meia-idade denotam um homem doentio, que, no entanto, ainda é vivaz.

55 Quanto aos modos e gestos, um homem não pode ser tão facilmente conhecido ou julgado por eles. A experiência nos ensina que podem ser mudados a todo momento, de modo a enganar o signador e levá-lo a um juízo errôneo.

56 É isso que os astrônomos até agora não observaram com exatidão suficiente. A tarefa do signador não é olhar sempre para os modos e ações, mas antes para outros sinais corporais que são fixos e não podem ser falsificados ou mudados por nenhum artifício.

56.2 Pois, se o cabelo ruivo, o movimento da testa e das sobrancelhas, a agitação frequente da boca, o passo firme e deliberado e o ânimo leve indicam necessariamente um homem generoso e ativo, ou um soldado, como qualquer um poderia facilmente mostrar-se por sua própria atividade, e assim sair-se melhor quando posto à prova e exigir salário mais alto, do mesmo modo se deve julgar sobre outros modos que indicam sabedoria, loucura, verdade, falsidade, fortuna, vitória e o resto.

57 Dos sinais astrais ou da quiromancia.

58 Quanto aos sinais da quiromancia, deve-se ter que eles provêm das estrelas superiores dos sete planetas, e todos devem ser aprendidos e julgados a partir dos sete planetas.

58.2 Ora, a quiromancia é uma ciência que não só examina as mãos dos homens e julga por suas linhas e rugas, mas também considera todas as ervas, madeiras, pedras, terras e rios — em suma, tudo o que tem linhas, veios e rugas. Mas nem esta ciência está livre de seus erros, que os astrônomos lhe atribuíram.

58.3 Pois eles atribuíram os dedos de ambas as mãos aos planetas e às estrelas principais, quando, no entanto, há numa mão apenas cinco dedos e nas duas, dez, ao passo que os planetas são apenas sete. Como fazer essas coisas concordarem? Se houvesse sete dedos em cada mão, talvez fosse possível atribuir um dedo a cada planeta.

58.4 Acontece, de fato, muitas vezes que um homem tem apenas sete dedos nas duas mãos, tendo perdido os outros por algum acidente. Mas os cotos ainda existem e, além disso, essas pessoas não nasceram assim, de modo que isso não vem ao caso aqui.

58.5 Ademais, se acontecesse de um homem nascer com sete dedos numa mão ou em ambas, seria um nascimento monstruoso, não segundo a Natureza, e portanto não atribuível às estrelas. Assim, também aqui não se pode estabelecer comparação.

59 Teria sido melhor, então, que os planetas tirassem a sorte para ver quais dois deveriam retirar-se. Isso, porém, não se pôde fazer, porque os planetas não tinham dados nem sortes lá no firmamento; assim, pergunta-se quem tomou a si a tarefa de distribuir os planetas pelo nome, dando o polegar a Vênus, o indicador a Júpiter, o médio a Saturno, o anelar ou medicus ao Sol e o mínimo a Mercúrio.

59.2 Enquanto isso, Marte e a Lua foram, por assim dizer, banidos. Alguém se surpreenderia, então, se em justa indignação Marte mandasse seus filhos matar esse distribuidor, ou manter com ele contínua contenda? Ou quem se admiraria se a Lua lhe enfraquecesse o cérebro, ou lhe tirasse de todo o juízo? E este é o primeiro erro que dizemos ter sido cometido na quiromancia.

60 O segundo erro é este. Acontece com frequência que as linhas naturais originais das mãos são mudadas por ferimentos ou acidentes fortuitos, ou se tornam maiores ou menores, ou aparecem em outros lugares. É como se uma estrada fosse bloqueada por algum obstáculo, ou coberta por uma montanha que caísse sobre ela, ou destruída por uma inundação.

60.2 Os homens fariam outra estrada perto dela. Assim acontece com as velhas linhas da mão. Às vezes, quando feridas ou úlceras saram, com a carne nova surgem novas linhas, e as velhas se apagam por completo. Do mesmo modo, pelo trabalho pesado as linhas são obliteradas, ou as que existiam originalmente se alargam. Acontece então o mesmo que com as árvores.

60.3 Se a árvore em crescimento produz muitas folhas, cortam-se várias delas e a árvore cresce em tamanho.

61 E agora passemos à parte prática desta ciência da quiromancia e exponhamos em poucas palavras nossa opinião. Quero que saiba que, no que se refere às mãos, nada mudo, mas concordo com as observações e descrições dos antigos.

61.2 Mas nesta quiromancia prática propus-me a escrever apenas sobre aquilo que os antigos não mencionaram, como a quiromancia das ervas, madeiras, pedras e coisas semelhantes. E primeiro deve-se notar que todas

as ervas, de qualquer espécie que sejam, pertencem a uma só e mesma quiromancia.

61.3 Se suas linhas são diferentes e aparecem maiores ou menores numas do que noutras, isso se deve à idade. Declaramos expressamente que a quiromancia das ervas não confere outra vantagem senão a de nos permitir conhecer a idade de qualquer erva ou raiz.

62 Alguém, argumentando, pode insistir e afirmar que nenhuma erva, enquanto presa à raiz, pode ter mais de quatro ou no máximo cinco meses, isto é, contando de maio ao outono, depois do que toda erva perece e se desprende da raiz.

62.2 A isso respondo que existe na raiz uma virtude única, que é a primeira essência e o espírito da erva, da qual a erva nasce e é sustentada até seu tempo predestinado, e assim é exaltada até a produção da semente. E este é o sinal ou indicação de que a virtude volta para a raiz, e assim a erva murcha.

62.3 Mas, enquanto esse espírito, que é a força suprema da erva, permanece na raiz, todo ano a erva se renova, a menos que aconteça de o espírito ser retirado e murchar junto com a erva. Então para essa erva não há renovação. A raiz está morta e já não tem vida em si.

62.4 Mas como esse espírito é retirado com a erva da raiz, ou com a raiz da terra, de modo que sua virtude volte ou para a raiz, ou da raiz para a terra, não se deve discutir neste lugar. É um mistério sublime da Natureza, que não deve ser exposto em proveito de médicos sofistas, para quem tais segredos são não só motivo de zombaria, mas também de desprezo.

62.5 O que aqui omitimos daremos no Herbário. Quanto mais jovens e menos carregadas de anos são as ervas, mais se destacam em sua força e em suas faculdades.

63 Pois, assim como o homem é enfraquecido pela velhice e perde seus poderes naturais, assim também acontece com as ervas.

64 Mas, para saber qual é a quiromancia e qual a idade das ervas e de corpos semelhantes, requer-se longa experiência, pois o número de anos não está escrito nelas, mas tem de ser adivinhado unicamente pela quiromancia, como dissemos. Ora, a quiromancia não fornece números, nem letras, nem caracteres, mas apenas linhas, veios e rugas como meio de calcular a idade.

64.2 Quanto mais velha é uma coisa, maiores e mais visíveis são as linhas que apresenta, e menos ativas são sua virtude e sua operação. Pois, assim como uma doença de um mês ou um ano se cura mais facilmente que uma de dois, três, quatro, cinco meses ou anos, assim uma erva de um ano cura sua doença mais depressa que uma de dois ou três anos.

64.3 E por isso, para males antigos, devem-se dar ervas jovens e de menos anos; mas, para males recentes, devem-se administrar ervas e remédios velhos. Pois, se o velho se junta ao velho, o cego guia o cego e ambos caem no fosso. Esta é a razão por que muitos remédios não operam. Estão no corpo e enchem os membros, mas apenas como a lama gruda nos sapatos. Por isso as doenças muitas vezes se duplicam.

65 Eis aqui um assunto que, até agora, nunca foi pensado pelos sofistas inábeis, enquanto por sua ignorância perderam mais doentes do que curaram. A primeira coisa que vocês, médicos, devem saber é que o remédio deve ser sempre mais jovem que a doença, para que possa vencê-la e ser mais forte para expulsá-la.

65.2 Se o remédio for mais poderoso que a doença, a doença será expulsa, como o fogo é extinto pela água. Se a doença for mais poderosa que o remédio, esse remédio se converte em veneno, e depois as doenças se redobram e se tornam mais graves. Assim, se a doença for de ferro, o remédio deve ser de aço. O aço não pode ser vencido pelo ferro. O mais poderoso vence; o mais fraco é subjugado.

66 Embora, pois, não fizesse parte de meu plano original escrever neste lugar algo sobre medicina, ainda assim, em atenção aos médicos verdadeiros e genuínos, não pude passar esses assuntos em silêncio.

67 Dos sinais minerais. Os minerais e os metais, à parte o fogo e a matéria seca, mostram suas indicações e sinais, que receberam ao mesmo tempo do Arqueu e das estrelas superiores, cada um revelando seu gênero por diferenças de cor e de terra. O mineral do ouro difere do mineral da prata. Assim o mineral da prata difere do mineral do cobre.

67.2 O mineral do cobre difere do mineral do ferro. Assim também o do ferro difere do do estanho e do chumbo. E assim com os demais. Ninguém pode negar, pois, que por meio da quiromancia todos os minerais e corpos metálicos das minas, que jazem escondidos em lugares secretos da terra, podem ser conhecidos por seus sinais externos.

67.3 Essa é a quiromancia das minas, veios e filões, pela qual não só se trazem à luz as coisas escondidas dentro, mas também se tornam manifestas a profundidade exata, a riqueza da mina e o rendimento de metal. Ora, nesta quiromancia é necessário conhecer três coisas: a idade, a profundidade e a largura dos veios, como se disse há pouco a respeito das ervas.

67.4 Pois quanto mais velhos os veios, mais rica e abundante em metais é a mina. Sobre isso se poderia raciocinar que todos os metais, enquanto permanecem em sua matriz, continuamente aumentam.

67.5 Donde fica claro também que toda coisa que cresce, mesmo colocada fora de sua matriz, não pode diminuir, mas é então aumentada, isto é, multiplicada, e continua crescendo em substância, medida e peso até seu tempo predestinado.

68 Esse tempo predestinado é a terça parte da idade destinada a todos os minerais, vegetais e animais, que são os três gêneros principais de todas as coisas terrestres. Aquilo que ainda está em sua matriz cresce até que a própria matriz morra. Pois há um período predestinado de viver e morrer, mesmo para a matriz, desde que esteja sujeita aos elementos externos.

68.2 Aquilo que não está assim sujeito não tem período nem termo além do que têm os próprios elementos, com os quais perecerá no último dia, que é o fim desses elementos. Daí se segue que todas as coisas que estão debaixo da terra estão sujeitas aos elementos no menor grau possível. Pois não sentem calor nem frio, umidade nem secura, vento nem ar, pelos quais possam ser destruídas.

68.3 Os corpos assim situados, portanto, não podem decompor-se, nem criam ferrugem e corrupção, nem perecem, enquanto permanecem debaixo da terra em seu próprio caos.

68.4 Isso se refere até aqui aos metais e às pedras, mas aplica-se também aos homens, muitos dos quais se mantiveram por cem anos em cavernas de montanhas, como os gigantes e os pigmeus, sobre cada um dos quais escrevi um livro. Prosseguindo em nosso propósito atual, passo, pois, a uma exposição prática muito breve sobre a quiromancia das minas.

68.5 Quanto mais profundos e largos são os veios, mais velhos se pode saber que são. Quando os trechos dos veios se estendem a uma distância muito longa e depois se abrem, é mau sinal.

69 Pois, assim como os cursos dos veios se abrem, assim se abrem as próprias minas, fato que indicam por sua profundidade. Embora às vezes se encontrem boas minas com descida muito profunda, na maioria das vezes elas se desvanecem cada vez mais, de modo que não podem ser trabalhadas sem grande dispêndio de esforço.

69.2 Mas, onde esses veios são aumentados por outros acessórios, ou de qualquer outro modo são muitas vezes cortados, é sinal afortunado, indicando que as minas são boas não só na superfície, mas que aumentam em profundidade e se multiplicam, de modo que se tornam minas ricas e rendem tesouros abundantíssimos.

70 Não é de todo alheio ao assunto que muitos metalurgistas elogiem as minas cujo curso desce reto e que se inclinam de leste para oeste. Mas o raciocínio e a experiência nas próprias minas também nos ensinam que muitas vezes os veios que se estendem de oeste para leste, ou de sul para norte, ou, ao contrário, de norte para sul, abundam em metal não menos que os outros. Nenhum veio, pois, deve ser preferido a outro, nem há necessidade de discutir mais este ponto.

71 Quanto aos sinais que dizem respeito às cores dos minerais e da terra interior, pode-se tratar deles brevemente. Quando os mineiros dão com um solo argiloso do qual sai um veio de metal puro e fresco, é ótimo sinal, indicando que o metal de que este é um veio já não está longe.

72 Do mesmo modo, se a terra escavada carece de metal, mas é gorda e de cor branca, preta, argilosa, vermelha, verde ou azul, isso também é sinal favorável de bom metal ali escondido. Então o trabalho começado deve prosseguir com vigor, sem pausa na escavação.

72.2 Os metalurgistas observam especialmente as cores brilhantes, cintilantes e primárias, como a terra verde ou crisocola, o verde de cobre, o lazúrio, o cinábrio, a sandáraca, o auripigmento, o litargírio de ouro e de prata etc. Quase cada um desses indica algum metal e mineral especial. O verde de cobre, a crisocola e a terra verde indicam geralmente cobre.

72.3 Assim também o lazúrio, ou o arsênico branco, ou o litargírio de prata, assinalam o metal cobre. Assim o cinábrio e a sandáraca indicam às vezes ouro, às vezes prata, ou os dois juntos em combinação. Do mesmo modo, o auripigmento, o enxofre vermelho ou o litargírio de ouro, na maioria das vezes, prenunciam ouro.

72.4 Assim também, quando se encontram misturados e combinados a crisocola com o lazúrio, ou o lazúrio com a crisocola e o auripigmento, geralmente se indicam minerais excelentes e ricos. Quando se veem pedras e terras de cor ferruginosa, certamente designam mineral de ferro.

73 Deve-se notar que às vezes acontece de o Arqueu da terra, ocasionalmente, lançar para fora e, por assim dizer, eructar da terra inferior algum metal por uma toca escondida. É bom sinal quando isso aparece. Os escavadores, portanto, não devem afrouxar seus trabalhos diante de esperança tão segura e notável de metal escondido. Se, ademais, uma leve folhagem metálica, como o talco, adere às pedras ou rochas, é sinal seguro e bom.

74 Quanto às coruscações, devem ser observadas cuidadosa e atentamente. São sinais certíssimos de que existem filões de algum metal particular, e também de sua extensão e daquela espécie especial de metal. Aqui também se deve notar que os metais desse tipo ainda não chegaram à maturidade perfeita, mas estão ainda em sua primeira essência. Na direção em que se estende a coruscação, nessa direção também se estende o filão metálico.

75 Também se deve saber que a coruscação é de três cores, por exemplo, branca, amarela e vermelha, como, por exemplo, a Luna branca. Desse modo se reconhecem todos os metais que elas nos indicam. A coruscação branca aponta metais brancos, como estanho, chumbo, prata. A coruscação vermelha denota metais vermelhos, como cobre e ferro. A coruscação amarela revela metais áureos.

75.2 Acrescente-se que uma coruscação leve e sutil constitui o melhor sinal. É como se vê nas árvores: onde há menos flores, obtêm-se frutos melhores. Assim também, coruscações pequenas e sutis indicam metais sutis e excelentes, e vice-versa.

75.3 Além disso, deve-se saber que, enquanto esses fulgores aparecem, sejam grandes ou pequenos, desta ou daquela cor, o metal ainda não está perfeito e maduro em seu minério, mas existe ainda em sua primeira essência, como o esperma do homem na matriz da mulher.

76 Expliquemos agora o que é essa coruscação. Aparece às vezes durante a noite nas minas como fogo cintilante, assim como a pólvora, espalhada num longo rastro e acesa numa ponta, mostra um fogo prolongado.

76.2 Do mesmo modo, essa coruscação, ou cintilação, segue seu próprio trajeto, às vezes de leste para oeste, ou, ao contrário, de oeste para leste, de sul para norte, ou vice-versa. E assim, uma linha reta traçada de qualquer

hora ou parte do mapa da montanha até a hora oposta mais próxima divide em duas partes o mapa, que é demarcado em vinte e quatro horas ou partes.

77 Todas essas coruscações, sempre que aparecem, oferecem indicações confiabilíssimas de filões metálicos, de modo que por elas se podem reconhecer também os metais como dons certos de Deus saindo da terra. Pois tudo o que Deus criou para uso dos homens, Ele o pôs nas mãos do homem como propriedade, para que não permanecesse escondido.

77.2 E, embora o tenha criado escondido, acrescentou-lhe esses sinais exteriores particulares que conduzem à investigação. Aqui se deve reconhecer Sua maravilhosa predestinação. Do mesmo modo, os próprios homens, se enterram um tesouro, marcam o lugar acrescentando alguns sinais seguros.

77.3 Enterram-no junto a marcos, estátuas, fontes ou algum outro objeto, para que, se necessário, eles mesmos possam encontrá-lo de novo e desenterrá-lo. Os antigos caldeus e gregos, se em tempo de guerra temiam o cerco e o exílio, enterravam seus tesouros e só marcavam o lugar propondo a si mesmos um certo dia, hora e minuto fixos do ano.

77.4 Esperavam até que o sol ou a lua projetasse ali uma sombra, e nesse lugar escondiam ou enterravam seus tesouros. Essa arte chamavam Sciomancia, ou Arte das Sombras. Desses estudos das sombras surgiram muitas artes e se revelaram muitas coisas ocultas, como, por exemplo, os métodos pelos quais todos os espíritos e corpos siderais podiam ser distinguidos. Esses são os sinais cabalísticos infalíveis, e devem ser cuidadosamente observados.

78 Vocês devem tomar cuidado especial, porém, para não se deixarem enganar por adivinhações obtidas por artes incertas. Estas são vãs e enganosas, e entre as primeiras delas estão as varas divinatórias, que enganaram muitos mineiros. Se uma vez apontam corretamente, enganam dez ou vinte vezes.

78.2 Do mesmo modo, não se deve depositar confiança em outros sinais enganosos do diabo, que aparecem de noite ou em horas impróprias, fora do caminho da Natureza, como espectros, visões e coisas semelhantes. Tenham certeza de que o diabo dá esses sinais apenas por fraude e com intenção de enganá-los.

78.3 Nunca se constrói um templo sem que o diabo tenha ali sua capela; nem capela onde ele não tenha seu altar. Nunca se semeia boa semente sem que ele semeie joio junto. Esse é o significado das visões e aparições sobrenaturais, o mesmo em todas, seja em cristais, espelhos, águas ou coisas semelhantes.

78.4 Os necromantes cerimoniais abusaram torpemente, dessa maneira, do mandamento de Deus e da própria luz da Natureza. As visões, contudo, não devem ser de todo rejeitadas. Têm seu lugar, mas só quando produzidas por um método diferente. Já não vivemos na primeira, mas na segunda geração.

78.5 Por nós, cristãos, pois, em nosso estado regenerado, já não se devem usar cerimônias e conjurações, como os antigos as usaram no Antigo Testamento, pois essas pessoas viviam na primeira geração. Esses homens eram prefigurações para nós, que haveríamos de viver sob o Novo Testamento.

79 Tudo, pois, o que os antigos, sob o Antigo Testamento, ou a primeira geração, realizaram por meio de cerimônias e conjurações, todas essas coisas nós, cristãos, que pertencemos à segunda geração e vivemos sob o Novo

Testamento, devemos obter pela oração, isto é, devemos buscá-lo na fé, orando, batendo e pedindo.

79.2 Nesses três pontos primordiais consiste todo o fundamento da ciência mágica e cabalística, pela qual podemos obter tudo o que desejamos, de modo que para nós, como cristãos, nada será impossível. Tendo, porém, escrito muito sobre isso no livro das Visões e em outras instituições cabalísticas, abstenho-me de repeti-lo aqui.

79.3 Vejam como maravilhosamente, em Seu amor por nós, Cristo, o Filho de Deus, opera em nós, cristãos fiéis, por meio de Seus anjos, e como fraternalmente se associa conosco. Somos verdadeiros anjos e membros de Cristo, pois Ele é nossa cabeça, isto é, vive em nós, para que assim vivamos nele, como se transmite nos livros sobre a Ceia do Senhor.

79.4 Mas, voltando ao nosso assunto dos sinais minerais, e especialmente às coruscações dos veios metálicos: saibam que, assim como todos os metais que ainda estão em sua primeira essência mostram suas coruscações, isto é, seus sinais, assim também a Tintura dos Filósofos, que transmuta todos os metais imperfeitos em boa prata ou ouro (os metais brancos em prata, os vermelhos em ouro), remove todos esses sinais particulares, como as coruscações, se for astralmente aperfeiçoada e preparada.

80 Pois, tão logo um pequeno bocado dela é lançado no metal fundido, de modo que os dois se encontrem no fogo, surge uma coruscação ou brilho natural, assim como o ouro ou a prata finos relampejam na cuba ou no vaso, o que é sinal de que esse ouro ou essa prata estão livres e purificados de toda mistura de outros metais.

80.2 Mas como nossa Tintura Filosófica se torna astral é coisa que se deve aprender. Todo metal, enquanto jaz escondido em sua primeira essência, tem suas próprias estrelas peculiares.

80.3 O ouro tem as estrelas do sol; a prata, as estrelas da lua; o cobre, as estrelas de Vênus; o ferro, as estrelas de Marte; o estanho, as estrelas de Júpiter; o chumbo, as estrelas de Saturno; o mercúrio, as estrelas de Mercúrio. Logo, contudo, que chegam à sua perfeição e se coagulam num corpo metálico fixo, suas estrelas se retiram de cada um deles e deixam seu corpo morto.

80.4 Daí se segue que todos os corpos igualmente estão mortos e ineficazes, e que a estrela invicta dos metais subjuga todos eles, converte-os em sua própria natureza e assim os torna todos astrais.

80.5 Por essa razão, nosso ouro e nossa prata, tingidos e preparados com nossa tintura, são muito mais nobres e excelentes para a composição de arcanos medicinais do que o próprio ouro que a Natureza gera nas minas e depois separa dos outros metais. Assim também o Mercurius corporal, feito astralmente de outro metal, é muito mais nobre e mais fixo que o mercúrio comum. Do mesmo modo vocês podem julgar dos outros metais.

81 Afirmo, por conseguinte, que todo alquimista que tem a estrela do ouro converte em ouro todos os metais vermelhos, tingindo-os. Assim, pela estrela da prata, todos os metais brancos se convertem em prata; pela estrela do cobre, em cobre; pela estrela do mercúrio, em Mercúrio corporal; e assim com os demais. Como todas essas estrelas são preparadas pela arte espagírica, não é parte de nosso propósito atual declarar. A explicação pertence ao livro da Transmutação dos Metais.

82 No que se refere aos verdadeiros sinais destas, quero que saibam que nossa tintura vermelha, que contém em si as estrelas do ouro, é de uma substância fixa acima de toda consistência, de penetração rapidíssima e do mais profundo vermelho, seu pó lembrando a cor do açafrão e seu corpo inteiro a do rubi. Sua tintura é fusível como resina, clara como cristal, quebradiça como vidro, mas muito pesada.

83 A tintura branca, que contém as estrelas de Luna, é, do mesmo modo, de substância fixa, de incremento imutável, de brancura consumada, fluida como resina, clara como cristal, quebradiça como vidro, de peso semelhante ao do diamante. A estrela do cobre é de supremo tom citrino, como a esmeralda, fusível como resina e muito mais pesada que seu próprio metal.

84 A estrela do estanho é branca, fluida como resina, um tanto escura e tingida de cor de argila. A estrela do ferro é de notável vermelhidão, clara como o granatum, fusível como resina, quebradiça como vidro, de substância fixa e muito mais pesada que seu próprio metal.

84.2 A estrela do chumbo é como o cobalto, negra, mas transparente, fluida como resina, quebradiça como vidro, igual ao ouro em peso, mais pesada que o outro chumbo.

84.3 A estrela do mercúrio é de cor branca e cintilante, como a neve em geada intensa, muito sutil, penetrante e de agudeza corrosiva, clara como cristal, facilmente fundida como resina, muito fria ao tato, mas extremamente quente dentro do fogo, volátil, ademais, e de uma substância que facilmente foge diante do fogo.

85 Por esta descrição vocês conhecerão as estrelas dos metais e entenderão que, para a preparação de qualquer das tinturas, a vermelha ou a branca, devem tomar a princípio não o corpo do ouro ou de Luna, mas a primeira essência do ouro ou de Luna. Se se comete um erro no início, todo o trabalho e esforço subsequentes serão perdidos.

86 Além disso, aplica-se aos metais o fato de que cada um deles, no fogo, emite algum sinal peculiar pelo qual pode ser reconhecido. Entre estes estão as faíscas, as chamas, o brilho, as cores do fogo, o cheiro, o sabor etc. Por exemplo, na reverberação do ouro ou da prata, o sinal genuíno é um brilho acima do vaso ou da cuba.

86.2 Quando ele aparece, é certo que o chumbo e os outros metais acessórios desapareceram nos fumos, e assim o ouro e a prata estão completamente purificados. O ferro completamente fundido no forno lança faíscas límpidas e claras, que sobem alto. Logo que estas aparecem, se o ferro não for imediatamente retirado do fogo, será queimado como palha.

87 Do mesmo modo, todo corpo terreno mostra no fogo seus próprios sinais peculiares e distintos: se tem algum Mercúrio, enxofre ou sal, e qual desses três princípios tem em maior quantidade. Se fumega antes de irromper em chama, é sinal de que contém mais Mercúrio que enxofre.

87.2 Se, ao contrário, arde com chama e flameja sem fumaça alguma, é sinal de que nele se esconde bastante enxofre e nenhum Mercúrio, ou muito pouco. Isso se vê acontecer com as substâncias gordurosas, como a própria gordura, o óleo, a resina e coisas semelhantes. Mas, se sem chama alguma nada sai senão pelos fumos, é sinal de que ali existe muito Mercúrio e muito pouco enxofre.

87.3 Isso se vê acontecer com as ervas, as flores e coisas semelhantes; e também com outras substâncias vegetais e corpos voláteis, como os minerais e os metais ainda em sua primeira essência e ainda não misturados com enxofre corpóreo. Estes emitem apenas fumaça, e nenhuma chama.

88 Os minerais e metais que no fogo não emitem nem fumo nem chama — isto é, nem fumaça nem labareda — mostram uma mistura igual de Mercúrio e enxofre, e uma fixidez e perfeição acima de toda consistência.

89 De certos sinais particulares das coisas naturais e sobrenaturais.

90 Devemos agora, na devida ordem, falar de alguns sinais peculiares, sobre os quais nada foi transmitido até agora. Neste tratado será muito necessário que vocês, que se gabam de sua habilidade na ciência das assinaturas e que também desejam ser chamados signadores, entendam corretamente o que dizemos. Neste lugar não vamos falar teoricamente, mas praticamente, e exporemos nossa opinião resumida no menor número possível de palavras para sua compreensão.

91 Antes de tudo, saibam que a arte signatória ensina a dar nomes verdadeiros e genuínos a todas as coisas. Adão, o Protoplasto, compreendeu-os todos verdadeira e inteiramente.

91.2 Por isso, depois da Criação, deu a cada coisa seu nome próprio, aos animais, árvores, raízes, pedras, minerais, metais, águas e coisas semelhantes, bem como a outros frutos da terra, da água, do ar e do fogo. Os nomes que lhes impôs foram ratificados e confirmados por Deus.

91.3 Ora, esses nomes se baseavam num fundamento verdadeiro e íntimo, não em mera opinião, e derivavam de um conhecimento predestinado, isto é, da arte signatória. Adão é o primeiro signador.

92 Na verdade, não se pode negar que nomes genuínos fluem também da língua hebraica e são dados a cada coisa segundo sua natureza e condição. Os nomes dados na língua hebraica indicam, pelo simples fato de serem dados, a virtude, o poder e a propriedade da própria coisa a que pertencem.

92.2 Assim, quando dizemos: "Isto é um porco, um cavalo, uma vaca, um urso, um cão, uma raposa, uma ovelha etc.", o nome de porco indica um animal sujo e impuro. O cavalo indica um animal forte e paciente; a vaca, um voraz e insaciável; o urso, um animal forte, vitorioso e indomado; a raposa, um animal astuto e manhoso; o cão, um infiel por natureza; a ovelha, um plácido e útil, que não fere ninguém.

92.3 Daí acontece que às vezes um homem é chamado porco por sua vida sórdida e porcina; cavalo, por sua resistência, na qual se destaca acima de tudo; vaca, porque nunca se cansa de comer e beber e seu estômago não conhece moderação; urso, porque é maior e mais forte que as outras pessoas; raposa, porque é versátil e manhoso, acomoda-se a todos e não ofende facilmente ninguém; cão, porque não é fiel a nada além de sua própria boca e mostra-se intratável e infiel a todos; ou ovelha, porque não fere ninguém senão a si mesmo e é mais útil a qualquer outro do que a si próprio.

93 Do mesmo modo, muitas ervas e raízes obtiveram seus nomes. Assim a eufrásia, ou herba ocularis, é chamada assim porque cura os olhos doentes. A erva sanguinária é assim chamada porque é melhor que todas as outras para estancar sangramentos. A escrofulária (chelidonium minus) é assim chamada porque cura as hemorroidas melhor que qualquer outra erva. E assim com muitas outras ervas, das quais eu poderia citar enorme número, todas nomeadas por sua virtude e faculdade, como mostrei mais extensamente em meu Herbário.

94 Além disso, muitas ervas e raízes receberam seus nomes não de alguma virtude e faculdade inata, mas também de sua figura, forma e aparência, como o Morsus Diaboli, Pentaphyllum, Cynoglossum, Ophioglossum, Hippuris, Hepatica, Buglosum, Dentaria, Calcatrippa (consolida regalis), Perforata, Satyrion ou Orchis, Victorialis, Syderica, Perfoliata, Prunella, Heliotrópio e muitas outras que não precisam ser enumeradas aqui, mas separadamente no Herbário.

95 O mesmo vale para os sinais das matérias animais, porque, do mesmo modo, pelo sangue e sua circulação, pela urina e sua circulação, reconhecem-se todas as doenças que se escondem nos homens. Pelo fígado de um animal abatido pode-se julgar toda a sua carne, se é própria para alimento ou não.

95.2 Pois, se o fígado não é claro e de cor vermelha, mas lívido e amarelo, áspero e perfurado, conclui-se que o animal estava doente e que, por isso, sua carne é insalubre. Não é de admirar que o fígado indique isso por sinais naturais. A origem do sangue está no fígado, e dali ele flui pelas veias por todo o corpo e se coagula em carne.

95.3 Por isso, de um fígado doentio e mal disposto não se pode produzir sangue saudável e fresco, assim como de sangue mórbido não se pode coagular carne sadia. Mas, ainda assim, mesmo sem o fígado, tanto a carne como o sangue podem ser distinguidos. Se ambos são sãos, têm sua cor verdadeira e natural, que é púrpura e brilhante, sem nenhuma cor estranha, como amarela ou lívida. Essas cores estranhas sempre indicam doença e enfermidade.

96 Mas, além disso, há outros sinais dignos de nossa admiração, quando, por exemplo, o Arqueu é o signador e assinala no cordão umbilical do feto, por meio de nós, pelos quais se pode dizer quantos filhos a mãe teve ou terá.

97 O mesmo signador assinala os chifres do veado com ramificações pelas quais se conhece sua idade. Quantas ramificações têm os chifres, tantos anos tem o veado. Como a cada ano se acrescenta uma nova ramificação ao chifre, a idade do veado pode ser fixada em vinte ou trinta anos.

98 Assim também o signador marca os chifres da vaca com anéis pelos quais se sabe quantos bezerros ela pariu. Cada anel indica um bezerro.

99 O mesmo signador faz cair os primeiros dentes do cavalo, de modo que nos primeiros sete anos sua idade pode ser conhecida com certeza pelos dentes. Quando o cavalo nasce, tem catorze dentes, dos quais perde dois a cada ano, de modo que em sete anos todos caem. Por essa razão, um cavalo de mais de sete anos só pode ser julgado por alguém muito hábil e experiente.

100 O mesmo signador marca o bico e as garras de uma ave com sinais particulares, de modo que todo passarinheiro experiente pode julgar sua idade por eles.

101 O mesmo signador marca a língua dos porcos com bolhas, pelas quais se pode conhecer sua impureza. Se a língua está imunda, assim está o corpo inteiro.

102 O mesmo signador marca as nuvens com diferentes cores, pelas quais se podem prognosticar as tempestades do céu.

103 Assim também ele assinala o halo da lua com cores distintas, cada uma das quais tem sua interpretação especial. A vermelhidão geralmente indica vento próximo; o verde ou o negro, chuva; os dois misturados, vento com chuva. No mar, este é um sinal que em geral prenuncia tempestades e borrascas. O brilho e a brancura clara são bom sinal, especialmente no oceano. Na maioria das vezes pressagiam tempo calmo e sereno.

104 Até aqui limitamos nossas observações aos sinais naturais. Quanto aos sinais sobrenaturais, este é assunto de ciência e experiência especiais, como a Astronomia Mágica e semelhantes. Ora, aqui é muitíssimo necessário ter conhecimento certo.

104.2 Daí procedem muitas artes, como a geomancia, a piromancia, a hidromancia, a caomancia e a necromancia, cada uma das quais tem suas estrelas particulares, e essas estrelas assinalam de maneira sobrenatural. As estrelas da geomancia assinalam ou imprimem suas marcas nos corpos terrestres do mundo inteiro, de muitos e variados modos.

104.3 Mudam a terra, produzem terremotos e deslizamentos, fazem colinas e vales, geram muitos crescimentos novos, produzem gamahei em figuras nuas e imagens dotadas de notáveis poderes e potências, que recebem dos sete planetas, assim como o escudo ou o alvo recebe a pelota ou o dardo de um fundibulário.

104.4 Mas saber como esses sinais e imagens dos gamahei podem ser distinguidos uns dos outros, e o que significam na magia, requer grande experiência e conhecimento da Natureza, nem se pode de modo algum tratar disso perfeitamente aqui.

104.5 Mas deve-se notar isto: toda pedra ou gamaheus possui apenas o poder e as propriedades de um planeta, e assim só pode ser dotada por esse único planeta. E, embora dois ou mais planetas possam de fato estar conjuntos nos corpos terrenos, como no firmamento superior, ainda assim um é oprimido pelo outro.

104.6 Pois, assim como uma casa não pode ter dois senhores, mas um expulsa o outro, assim é também aqui.

105 Um permanece senhor; o outro se torna escravo. Ou, como quando alguém está cuidando de uma casa e outro chega sobre ele, expulsa-o à força e se faz senhor, arranjando tudo segundo sua vontade e seu prazer, enquanto o outro é reduzido à escravidão, assim também uma estrela expulsa a outra, um planeta o outro, um ascendente o outro, uma influência outra, uma impressão outra, e um elemento outro.

105.2 Como a água extingue o fogo, assim um planeta elimina a propriedade do outro e introduz a sua. E assim é com seus sinais, que são múltiplos, e não apenas caracteres, como alguns pensam, mas todos os que se encontram no mapa inteiro dos planetas, isto é, tudo o que é afim a esses planetas ou sujeito a eles.

106 Para me fazer entender mais facilmente, acrescento um exemplo. Ao planeta Sol pertencem a coroa, o cetro, o trono, todo o poder e majestade régios, todo o domínio, todas as riquezas, tesouros, ornamentos e aparatos deste mundo.

107 Ao planeta Luna estão sujeitos toda a agricultura, a navegação, as viagens e os viajantes, e tudo o que diz respeito a assuntos desse tipo.

108 Ao planeta Marte estão sujeitas as munições (como as chamam), todas as couraças, peitorais, lanças e todas as armas, com tudo o que se refere à guerra.

109 Ao planeta Mercúrio estão sujeitos todos os homens de letras, todos os instrumentos mecânicos e todo requisito da arte.

110 Ao planeta Júpiter estão sujeitos todos os juízos e leis, toda a ordem levítica, todos os ministros da igreja, as decorações dos templos, os ornamentos e tudo o mais que pertence a essa classe.

111 Ao planeta Vênus estão sujeitas todas as coisas relativas à música, os instrumentos musicais, os exercícios amorosos, os amores, as devassidões etc.

112 Ao planeta Saturno estão sujeitos todos os que trabalham na terra e debaixo dela, como metalurgistas, mineiros, coveiros, cavadores de poços, com todas as ferramentas que usam.

113 A piromancia apresenta seus sinais pelas estrelas do fogo: no fogo comum, por faíscas, chamas, estalidos e assim por diante; nas minas, por coruscações; no firmamento, por estrelas, cometas, trovões e relâmpagos, nostoch e coisas semelhantes; entre os espectros, por salamandras, ethnici e outros espíritos semelhantes que aparecem em forma de fogo.

114 A hidromancia dá seus sinais pelas estrelas da água, por ondas, inundações, secas, descolorações, lorindi, novas cheias, arrastamento de terras. Na magia e na necromancia, por ninfas, visões e monstros sobrenaturais nas águas e no mar.

115 A caomancia mostra seus sinais pelas estrelas do ar e do vento, pela descoloração, pela perda e destruição de todas as coisas tenras e sutis às quais o vento se opõe, sacudindo e despojando flores, folhas, frondes, hastes. Se as estrelas da caomancia são excitadas, as Necromicse caem do ar superior, e frequentemente se ouvem vozes e respostas.

115.2 As árvores são arrancadas da terra pelas raízes, e as casas são derrubadas. Veem-se Lêmures, Penates, Ondinas e Silvanos. Assim também caem sobre as árvores o Tereniobin, a Tronosia e o Maná.

116 A necromancia apresenta seus sinais pelas estrelas da morte, que também chamamos Evestra, marcando o corpo dos doentes e dos que estão para morrer com manchas vermelhas, lívidas e púrpuras, que são sinais certos de morte no terceiro dia após seu aparecimento.

116.2 Também assinalam as mãos e os dedos dos homens com manchas cor de argila, que são sinais seguros de algo, bom ou mau, prestes a acontecer. Quando as estrelas da necromancia se movem, os mortos dão milagres e sinais, os defuntos sangram, veem-se coisas mortas, ouvem-se vozes nos túmulos, surgem tumultos e tremores no ossuário, e os mortos aparecem na forma e nas vestes dos vivos, são vistos em visões, espelhos, berilos, pedras e águas sob diferentes aparências.

116.3 O Evestrum e os Tarames dão sinais por batidas, golpes, pancadas, quedas, arremessos e assim por diante, quando só se ouve um distúrbio ou som, mas nada se vê. Todos esses são sinais certos de morte, pressagiando-a para aquele em cujas vestes os espectros aparecem, ou para alguém no lugar onde são ouvidos.

117 Sobre esses sinais muito mais se poderia dizer do que se disse até agora. Mas, como trazem consigo fantasias, imaginações e superstições más, nocivas e perigosas, que podem ser causa não só de infortúnio, mas até de morte, nós as passamos em silêncio. É-nos proibido revelá-las, pois pertencem apenas à antiga escola e ao poder divino. E assim pomos fim a este nosso livro.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0